

A №31-5 17310 1976
Liahona



MURRAY MAGLEBY 1977



A PRIMEIRA PRESIDENCIA

Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE

Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Delbert L. Stapley
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight

COMITÊ DE SUPERVISÃO

Marion D. Hanks
Robert D. Hales
Dean L. Larsen
Richard G. Scott

EDITOR

Dean L. Larsen

EXECUTIVO DO INTERNATIONAL MAGAZINE

Larry Hiller, Editor Gerente
Carol Larsen, Editor Associado
Roger Gylling, Desenhista

EXECUTIVO DA «A LIAHONA»

José B. Puerta, Editor Responsável
Maria Antônia Brown, Redatora
Moacir S. Lopes, Supervisor de
Layout

A^{31/5} maio 1978 Liahona

HISTÓRIAS E DESTAQUE:

Falar Palavras Amáveis, Presidente Marion G. Romney	1
Oração: Instrumento Missionário Que Está ao	
Alcance de Todos, Élder Dean L. Larsen	4
Tenho uma Pergunta, Presidente J. Murray Rawson	7
Tenho uma Pergunta, Élder Delbert L. Stapley	8
A Criatividade na Sala de Aula, LeRoy Barney	10
O Pequeno Ben, Earl Stowell	13
Arbitrio ou Inspiração, Élder Bruce R. McConkie (juventude)	31
Diário Mórmon: O Quarto Batismo, Virginia A. Travallini	39
Diário Mórmon: O Discurso Cujo Mérito Não Foi Meu, Carma N. Cutler	41
As Perguntas Mais Frequentes Sobre Produção e Armazenamento Doméstico	43
Fome Espiritual, William G. Dyer	49

SEÇÃO DAS CRIANÇAS:

A Confirmação de Marco Antônio	26
Pequena Missionária Prega o Evangelho aos Parentes, Peggy Mills	28
Por Que o Mar é Salgado (conto folclórico)	21

NOTÍCIAS LOCAIS:

Élder Mark E. Petersen divide Estaca de Curitiba	18
Ipoméia, Berço do Mormonismo no Brasil	20
Recomendação para o Templo	29
O Templo — Como e Quando?	30

REGISTRO: está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o n.º 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 40,00; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea: US\$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 4,00. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — c 1977 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta pela Linoletra, R. Abolição, 201, tel. 32-7743. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, R. Peribebut, 331, tel. 276-8222, S. Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Falar Palavras Amáveis

Presidente Marion G. Romney
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

Nesta mensagem, dirijo meu apelo para que controlemos nossa língua e nos tratemos com amabilidade, colocando em prática em nosso relacionamento a terna benevolência que o Senhor tem por seu povo, conforme declarou Isaías:

“As benignidades do Senhor mencionarei, e os muitos louvores do Senhor, consoante tudo o que o Senhor nos concedeu; e a grande bondade para com a casa de Israel, que usou com eles segundo as suas misericórdias, e segundo a multi-





dão das suas benignidades.” (Isaías 63:7.)

Jesus disse: “Fazei o bem e emprestai, sem nada esperardes, e será grande o vosso galardão, e sereis filhos do Altíssimo; porque ele é benigno até para com os ingratos e maus.

“Sede pois misericordiosos, como também vosso Pai é misericordioso.” (Lucas 6:35-36.)

A seguinte declaração resume a incomparável benignidade do Salvador:

‘De um ladrão recebeu Cristo a última palavra amável, e usando de benevolência, o perdoou.’ (Robert Browning, Bartlett’s Familiar Quotations, 13.^a Ed., 1955, p. 573-b.)

Não há provas de que ele tenha perdoado o ladrão, mas são suas estas amáveis palavras: “Hoje estareis comigo no paraíso.” (Lucas 23:43.)

Ao orar pelos que o crucificaram, disse: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.” (Lucas 23:34.)

Em sua epístola aos efésios, Paulo declarou:

“Rogo-vos, pois, eu... com toda a humildade e mansidão,” que procureis “guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz (e) não saia de vossa boca nenhuma pala-

vra torpe, mas só a que for boa para promover a edificação, para que dê graça aos que a ouvem...

“Toda a amargura, e ira, e cólera, e gritaria, e blasfêmias e toda a malícia seja tirada dentre vós.

“Antes sede uns para com os outros benignos, misericordiosos, perdoadando-vos uns aos outros, como também Deus vos perdoou em Cristo. (Efésios 4:1-3,29, 31-32.)

Em sua epístola universal, o apóstolo Tiago aconselhou:

“Todo o homem seja pronto para ouvir, (mas) tardio para falar.” (Tiago 1:19.)

Em seguida, ele demonstra o evidente contraste entre o homem que fala iradamente e se julga religioso, e o que domina sua língua, a ponto de controlar suas palavras:

“Se alguém entre vós cuida ser religioso, e não refreia a sua língua... a religião desse é vã.”

E acrescenta ainda:

“Se alguém não tropeça em palavra, o tal varão é perfeito e poderoso para também refrear todo o corpo.” (Tiago 1:26;3:2.)

Refrear todo o corpo é um objetivo louvável. Para isto, é necessário esforçar-se realmente, pois a língua, embora um órgão pequeno, é muito eficiente e incansável. Tiago nos recorda que, se com um freio na boca de um cavalo “conseguimos dirigir todo o seu corpo”, e com um pequeno leme grandes navios açoiados pelos ventos são facilmente controlados, o mesmo acontece com a língua, um pequeno órgão do corpo, que pode propagar grandes coisas e atear incêndios. Declarou que ela, “como um mundo de iniquidade”, “contamina todo o corpo, e inflama o curso da natureza”, e

salientou que, embora “tanto de bestas feras como de aves, tanto de répteis como de animais do mar, se amansa e foi domada pela natureza humana; mas nenhum homem pode domar a língua. É um mal que não se pode refrear; está cheia de peçonha mortal.” (Tiago 3:2-8.)

Embora se tenham passado cerca de dois mil anos, há entre nós os males contra os quais Tiago nos advertiu tão vigorosamente, e não são menos consistentes na vida dos SUD do que o eram na dos santos primitivos.

Bem antes da época de Jesus, Paulo e Tiago, os profetas do Velho Testamento proferiram idêntico conselho:

“A resposta branda desvia o furor, mas a palavra dura suscita a ira.

“A língua dos sábios adorna a sabedoria, mas a boca dos tolos deram a estultícia. . .

“Uma língua saudável é árvore de vida, mas a perversidade nela quebranta o espírito.

“Mulher virtuosa quem a achará? o seu valor muito excede o de rubis. . .

“Abre a sua boca com sabedoria, e a lei da beneficência está na sua língua.” (Provérbios 15:1-2,4; 31:10,26.)

Na América, o rei Benjamim assim instruiu os pais: “Não permitireis que vossos filhos. . . briguem e disputem entre si e sirvam ao diabo, que é o mestre do pecado ou o espírito mau de quem nossos pais falaram, o inimigo de toda justiça.” (Mosiah 4:14.)

Nos últimos dias — um ano antes de a Igreja haver sido organizada

— ao determinar as qualificações para o trabalho no ministério, declarou o Senhor:

“Lembra-te da fé, virtude, conhecimento, temperança, paciência, *bondade fraternal*, piedade, caridade, humildade e diligência,” (D&C 4:6, *itálicos adicionados*,) — identificando, assim, as virtudes essenciais para realizar essa obra.

Posteriormente, o Senhor nos deu outro requisito de importância fundamental para o exercício do poder do sacerdócio:

“Nenhum poder ou influência pode ou deve ser mantido por virtude do sacerdócio, a não ser que seja com persuasão, com longanimidade, com mansuetude e ternura, e com amor não fingido;

Com benignidade e conhecimento puro, que grandemente ampliarão a alma, sem hipocrisia e sem dolo.” (D&C 121:41-42.)

“Vale mais a discrição no falar que a eloquência; e mais valiosa é a amabilidade ao falar com nossos semelhantes que as palavras requintadas e de boa gramática. (*Bartlett's Familiar Quotations*, 13.^a Edição, 1955, p. 121-a.)

Assim o Profeta Joseph Smith falou às irmãs da Sociedade de Socorro: “A língua é um órgão rebelde”. e aconselhou-as que a refreassem “com respeito às coisas pouco importantes”; pois “uma pequena mentira pode incendiar o mundo.” (*Ensinamentos*, p. 233.)

Tomemos, portanto, a firme resolução de refrear nossas línguas, e ao falarmos palavras amáveis uns para os outros, imitemos a terna benignidade do Senhor.

Há portas fechadas e fronteiras seladas. Embora milhares de nossos missionários trabalhem para salvar as almas nos países que lhes permitem entrar, mais da metade da população do mundo ainda não recebeu a mensagem do evangelho.

De que maneira podemos cumprir o mandamento de levar a mensagem a “todas as nações da terra”? Afir-

mou o Presidente Spencer W. Kimball que será necessário usarem os líderes e membros da Igreja de diplomacia e fé. Ao fazermos tudo ao nosso alcance, de algum modo o Senhor nos fará atingir esse objetivo. Essa é a minha fé.” (*Ensign*, outubro de 1974, p. 7.)

A Igreja não está tentando forçar essas portas. Pelo contrário, de maneira lenta e cuidadosa, procura

Oração: Instrumento Missionário que está ao Alcance de todos

Élder Dean L. Larsen
do Primeiro Quorum dos Setenta



convencer os líderes nacionais de que a Igreja será um benefício real para seus povos; que o evangelho de Jesus Cristo não provoca dissensão; que é objetivo dos missionários mórmons fortalecer a cultura regional, juntamente com o lar e a família.

Poderemos fazer algo para ajudar? Sim! É desejo do Presidente Kimball e das Autoridades Gerais, que todos os santos se unam a eles, na “campanha de oração”, dirigindo uma contínua súplica ao Senhor, a fim de que se abrandem os corações dos governantes, para os missionários poderem entrar em todos os países e pregar o evangelho da maneira aprovada.” (*Ensign*, outubro de 1975, p. 70.)

Não podemos subestimar o poder da oração, quando todos nós, em nossas orações, rogamos ao Senhor que nos ajude a executar propósitos dignos aqui na terra. O Livro de Mórmon nos testemunha do poder da oração em escancarar portas que nos pareciam irrevogavelmente fechadas.

Desde a primeira divisão entre os filhos de Léhi, os justos nefitas trabalharam para converter seus irmãos rebeldes, os lamanitas. Jacó registrou: “Muitos meios foram imaginados para fazer com que os lamanitas voltassem a conhecer a verdade; mas tudo foi em vão.” (Jacó 7:24.)

Enos acrescentou: “E testemunho que o povo de Néfi procurou ardentemente restabelecer os lamanitas na verdadeira fé em Deus. Mas nossos trabalhos foram em vão.” (Enos 20.) Uma longa história dessas experiências, além das guerras entre os dois grupos, tornou céticos os

nefitas quanto a qualquer tentativa de pregar aos lamanitas, e quando os filhos de Mosiah planejaram sua missão, “nossos irmãos zombaram de nós”. (Alma 26:23.)

Porém Amon e seus irmãos não basearam sua fé nas experiências do passado, mas no evangelho de Jesus Cristo. Sabiam que sua tarefa seria dura, daí prepararam-se com “muitas orações e jejuns” (Alma 17:3), e partiram, com a fé inabalável de que seriam bem sucedidos. Poderiam ter feito suas as palavras do Presidente Kimball: “Esta é a minha fé!”

Anos depois, salientou Morôni sobre as surpreendentes realizações daqueles missionários: “E foi pela fé de Amon e seus irmãos que se operou tão grande milagre entre os lamanitas.” (Êter 12:15. Itálicos adicionados.) Também Mórmon, referindo-se aos trabalhos missionários de Néfi e Léhi, que converteram quase toda a nação lamanita (Ver Helamã 5:50-52.), disse: “E foi pela fé de Néfi e Léhi que os lamanitas se transformaram.” (Êter 12:14.)

Parece que o Senhor usa a fé que seus filhos dignos possuem para realizar muito de seu trabalho e que poderes milagrosos se evidenciam, quando o povo exerce sua fé em retidão.

No Livro de Mórmon há um bom exemplo desse princípio: dirigiu-se o profeta Enos ao Senhor, preocupado com seu bem-estar espiritual. Foi-lhe assegurado que seus pecados haviam sido perdoados. Ao obter essa certeza, a preocupação de Enos desta vez foi por aqueles que, a seu ver, necessitavam da bênção do Senhor — “meus irmãos, os lamanitas.”

O Senhor respondeu-lhe: “*Por causa de tua fé, conceder-te-ei de acordo com os teus desejos.*

“E disse-me o Senhor: Teus pais também me fizeram o mesmo pedido; e ser-lhes-á feito *de acordo com a sua fé, pois que a sua fé era igual à tua.*” (Enos 11-12,18. Itálicos adicionados.)

Em Doutrina e Convênios, há uma seqüência das revelações de Enos. Ao devolver as placas de ouro que haviam sido retiradas por algum tempo, declarou o Senhor:

“E eis que o resto desta obra contém todas as partes do meu evangelho que os meus santos profetas, sim, e também os meus discípulos, em suas orações, pediram que fossem dadas a esse povo.

“E eu lhes disse, que lhes seria concedido *de acordo com a fé em suas orações;*

“Sim, e esta era a sua fé — que o meu evangelho, o qual lhes dera para que pregassem em seus dias, pudesse ser levado a seus irmãos, os lamanitas, e também a todos os que se haviam tornado lamanitas por causa de suas dissensões.

“Agora, isto não é tudo — sua fé em suas orações consistia em que este evangelho se tornasse conheci-

do a outras nações, se por acaso possuíssem esta terra;

“E assim deixaram em suas orações uma bênção sobre esta terra, para que todo o que cresse neste evangelho, nesta terra, tivesse a vida eterna.” (D&C 10:46-50. Itálicos adicionados.)

Enos e outros poderosos profetas do Livro de Mórmon foram “abridores de portas.” Sua fé manteve abertas as portas das bênçãos, para seus irmãos, e para os futuros herdeiros da terra prometida.

Temos atualmente as mesmas oportunidades de Enos, dos filhos de Mosiah e de Helamã. Poderão nossas preces abrir as portas que o Presidente Kimball mencionou?

Para intensificar a obra missionária, existe apenas um meio de participar em conjunto: ofereçamos ao Senhor nossas orações, pedindo que as portas não permaneçam fechadas, para que milhões de filhos de nosso Pai Celestial possam receber o Evangelho.

Quando tivermos por nossos semelhantes a mesma preocupação que Enos demonstrou, e orarmos fervorosamente por nossos irmãos das nações que agora estão fechadas para nós, talvez as portas sejam abertas — até mesmo por meios miraculosos.

Sabiam que sua tarefa
seria dura, daí
prepararem-se “com muitas
orações e jejuns”

Tenho uma Pergunta

*Perguntas de interesse geral respondidas
para orientação, não como
pronunciamentos doutrinários da Igreja.*



Presidente J. Murray Rawson,
da Casa da Missão
Cidade do Lago Salgado, Utah.

“Quando recebem os missionários as chaves para exercer o seu ministério — ao serem ordenados élderes, quando são designados para as suas missões, ou quando recebem seus endowments?”

O recebimento do chamado missionário vindo do presidente da Igreja, permite que se obtenham as chaves daquela designação. Ao ser designado o missionário, ele recebe as chaves para agir no seu chamado.

As chaves são o direito de desfrutar da “bênção de comunicação com os céus, do privilégio e autoridade de administrar nas ordenanças do evangelho de Jesus Cristo, de pregar o evangelho do arrepen-

dimento e do batismo por imersão para a remissão dos pecados.” (Joseph F. Smith, *A Doutrina do Evangelho*, p. 127.)

Diz o Senhor em Doutrina e Convênios 42:11: “A ninguém será permitido sair a pregar o meu evangelho ou edificar a minha igreja, a não ser que tenha sido ordenado por alguém com autoridade...”

O sacerdócio é a autoridade delegada ao homem para agir em nome de Deus. “Todo o que é ordenado a qualquer grau do Sacerdócio, recebe essa autoridade. Todavia, é necessário que todo ato desempenhado sob essa autoridade, o seja na ocasião e local adequados, da maneira correta e de acordo com a ordem certa. O poder para dirigir esses trabalhos constitui-se nas chaves do Sacerdócio. Estas, em sua plenitude, são possuídas apenas por uma pessoa de cada vez, o profeta e presidente da Igreja. (*Doutrina do Evangelho*, p. 121.)

O Presidente Spencer W. Kimball possui todas as chaves do reino, que lhe dão a autoridade para presidir o reino de Deus na terra (que é a Igreja) e dirigir todos os seus trabalhos. (Ver *Doutrina do Evangelho*, p. 121.) Ele delegou algumas das chaves ao presidente da estaca e da missão, os quais por sua vez, ao designarem o missionário por ordem do Presidente Kimball, conferem a ele as chaves para agir em sua designação missionária.



Elder Delbert L. Stapley
do Conselho dos Doze.

**Por que é tão importante
que haja médicos, se o
sacerdócio tem poder para
curar as enfermidades?**

Todo o conhecimento provém de Deus ao homem, para o benefício da humanidade. Ele espera que se utilizem sabiamente os conhecimentos, científicos ou não, que provê para o benefício do homem. Néfi declarou: "...é pela graça que somos salvos depois de tudo o que pudermos fazer." (2 Néfi 25:23.) Podemos assim parafrasear essa declaração: "Pela graça sois curados pelo poder do Sacerdócio, depois de tudo o que puderdes fazer." Se os médicos adquiriram habilidades e há medicamentos para curar as doenças do homem, eles não devem ser usados como parte do processo de cura?

A ciência médica é apenas um elo em todo o processo terapêutico. Os avanços da medicina estão proporcionando curas para moléstias que no passado poderiam ser fatais. Um corpo enfermo, fortificado por cuidados médicos, tem um grande poder para curar-se a si próprio.

O corpo humano é feito de muitas partes complexas e correlacionadas. Distúrbios orgânicos que ocorrem na vida das pessoas requerem o tratamento que a ciência médica é capaz de fornecer.

Falando em boa saúde, examinemos a Palavra de Sabedoria, a lei física da saúde dada pelo Senhor. Nessa revelação (D&C 89), ele trata das substâncias físicas *nocivas ao homem* e também dos produtos da terra *bons para o homem*. Se obedecermos a essa lei natural, fomos prometido que teremos boa saúde.

Se aceitamos a Palavra de Sabedoria e a vivemos, não podemos também aceitar o uso de medicamentos e serviços profissionais dos médicos com grande vantagem? O poder do homem é limitado, o de Deus não tem limites. Ao falharem as habilidades humanas, entra em ação o poder de Deus através de seu Sacerdócio, e freqüentemente ocorrem milagres.

O Senhor nos aconselhou:

“E os que entre vós estiverem doentes, e não tiverem fé para serem curados, mas crerem, *serão alimentados com todo carinho, com ervas e comidas leves...*

“E os élderes da igreja, dois ou mais, serão chamados, e orarão por eles e lhes imporão as mãos em meu nome...

“E acontecerá que aquele que tiver fé em mim para ser curado e não estiver designado para morrer, será curado.” (D&C 42:43,44,48. Itálicos adicionados.)

Somos gratos que a ordenança da cura faça parte do plano do evangelho.

Os seguintes exemplos explicarão o elo clínico entre os médicos e o poder de cura do Sacerdócio.

O filho de quatorze meses de um médico ficou gravemente enfermo. Foi feita uma junta médica, que apenas serviu para identificar a moléstia. A criança piorava rapidamente. Sua temperatura era de 40 graus, e a qualquer momento aguar-

dava-se o desenlace. Foi nesse ponto que aconteceu algo milagroso. Sem uma designação prévia, o bispo e seus conselheiros vieram visitar a família, e a pedido dela, administraram à criança. Quase imediatamente após a bênção, um interno, amigo da família, entrou no quarto e disse: “Por que não lhes damos uma transfusão de sangue?” Isto foi o bastante: a temperatura da criança se normalizou e assim, logo obteve alta. Neste caso, a assistência médica havia essencialmente falhado. O Sacerdócio entrou em cena, e a administração foi seguida por cuidados médicos que não haviam sido ainda ministrados, e a vida do menino foi salva. Atualmente é um adulto e tem uma adorável família.

O outro caso se refere a um homem cardíaco. Até as duas da madrugada, tinham sido inúteis os esforços para controlar-lhe a doença. Nessa ocasião, uma Autoridade Geral entrou no aposento e administrou-lhe. Seu coração começou a funcionar normalmente, e ele continua a gozar de boa saúde até a época atual.

Pode haver um esforço correlacionado entre os cuidados médicos e a administração do Sacerdócio, formando, juntos, um método eficaz de cura.

Sim, os médicos são importantes. Porém, é através do Sacerdócio, que recebemos esse poder suplementar pelo qual ocorrem as curas milagrosas.



A Criatividade na Sala de Aula

LeRoy Barney

Muitos professores julgam a criatividade como algo aplicável apenas aos artistas, escultores e literatos, ignorando quão fácil é criar padrões espirituais de aprendizado a cada semana em sua própria sala de aula.

A criatividade no campo didático pode significar lições apresentadas com algo diferente e singular. Muitos erroneamente crêem ser um talento nato das pessoas, não imaginando que possa ser adquirido. Esquecem a lição da parábola dos talentos, sobre as pessoas que, por desenvolverem o talento que possuem, embora pequeno, serão inves-

tidas de um maior, e as que não tentam desenvolvê-lo, perderão até mesmo o que possuem.

Deve haver uma pequena centelha de criatividade dentro de cada professor, para programar lições bem planejadas. É verdade que alguns possuem maior quantidade dessa centelha do que outros. Mas seja qual for o seu tamanho, através de um esforço consciente, pode transformar-se numa chama, capaz de acender o aprendizado na sala de aula.

Vejam o caso do irmão Arvin. Ele era o tipo do rapaz folgazão, e desconhecia-se se já levava alguma coisa a sério na vida. Na verdade, consideravam-no o galhofeiro do bairro. Não é de admirar que a presidência da Escola Dominical se preocupasse a respeito da primeira designação de ensino que lhe deu. Será que ele bancaria o cômico em classe, e desperdiçaria o valioso tempo dos alunos? Será que estudaria a lição do manual e se prepararia para ensinar seus preceitos?

Os temores da presidência pareciam bem fundados, quando viram o irmão Arvin se apresentar para a primeira lição, trazendo duas grandes valises. Elas podiam conter qualquer coisa, desde jornais velhos até uma cobra viva.

Antes da reunião de oração, ele colocou sobre uma mesa uma variada coleção de objetos, alguns dos quais pareciam ter vindo de alguma lata de lixo da vizinhança.

Após a reunião de oração e dos exercícios de abertura, um membro da presidência apresentou-o aos alunos. Após a primeira oração, ele

ficou de pé diante da classe, e com um sorriso contagiante iniciou uma das mais absorventes aulas que já haviam sido presenciadas por qualquer pessoa daquela classe. O tema foi magistralmente desenvolvido, e cada ponto reforçado com a ajuda dos objetos que trouxera em suas duas valises.

Ele levantou bem alto uma velha régua, que mal se podiam distinguir as divisões decimais. Após todos os alunos olharem o objeto, ele simplesmente perguntou: "Como estão-se saindo ao medir a eficácia da oração?"

Instigados pela visão daquela velha régua, os alunos envolveram-se num interessante debate. Até mesmo aqueles que freqüentemente se contentavam em ficar sentados, sem participar dos debates, apresentaram desta vez os seus pontos de vista. Os manuais das lições, que até aquela época jamais haviam sido abertos, foram apressadamente examinados para encontrar pistas das palavras necessárias para comunicar os pensamentos daqueles membros, que até achavam difícil traduzir em palavras seus próprios pensamentos.

Nas lições subseqüentes, o irmão Arvin usou outros objetos, e ensinou com a eficiência de um professor experiente. Talvez nem todas as lições tenham tido a magia criativa da primeira, mas seus alunos concordaram em que elas melhoraram com o passar do tempo.

Qual a razão de seu êxito? Isto se tornou possível, porque ele era tão interessante e imprevisível, que ninguém jamais sabia o que poderia trazer para a classe naquelas valises?

Seu sucesso foi devido a uma série de preceitos bem aplicados. Primeiro, suas lições eram realmente criativas. Ao apresentar um assunto, ele o fazia de maneira tão estimulante, que toda a classe era tomada de entusiasmo. O irmão Arvin era um grande entusiasta, e ao sentir isso, a classe também se entusiasmava, o que por sua vez fazia com que ele se sentisse à vontade e se entusiasmasse ainda mais. Todo o processo era um delicioso círculo, tendo a criatividade no centro.

Que coisas criativas podem ser feitas na sala de aula? E quando você não se sente criativo? O primeiro requisito da criatividade é, por certo, a vontade de tentar algo novo. Muitos professores não querem afastar-se um til do estrito método didático que desenvolveram, e o utilizam semana após semana, sem se importarem se motivam ou não seus alunos. Outros não querem tentar nenhum método diferente, porque têm medo de que possam fazer o papel de tolos, se cometerem algum engano. Outros ainda se consideram auto-suficientes, verdadeiras fontes de conhecimento, prontos a oferecer seus produtos a qualquer pessoa que os ouça. Esse último tipo de indivíduos muitas vezes tem medo de que a criatividade possa colocá-los numa situação embaraçosa, em que seriam forçados a admitir quando não sabem a resposta de uma determinada pergunta. Reagem como julgam que os professores das escolas públicas costumam reagir, e não imaginam que os professores mais categorizados admitem que podem não saber uma resposta.

Poucos professores não confiam totalmente em seus alunos, para obterem algum tipo de esclarecimento que os auxilie. Os alunos SUD são receptivos, compreensivos e hábeis. Quando um professor deixa de responder a uma pergunta por não saber a resposta, muitos membros da classe podem ser capazes de contribuir com uma informação valiosa. A classe da Igreja é uma equipe entrosada. A meta comum, tanto para o professor como para o aluno, é ganhar o conhecimento e a salvação. O aluno deseja tirar o maior proveito possível, e o professor espera que o faça. Por esse motivo, portanto, devem ser encorajados a contribuir para a lição e participar do debate de classe.

Ocasionalmente um toque humorístico ajudará a quebrar as barreiras do formalismo e permitirá que a criatividade siga o caminho natural. Alunos tensos geralmente apresentam informações mais como um desafio a determinado argumento, do que por propósitos edificantes. Uma história simples, um acontecimento humorístico ou apenas um grande sorriso imediatamente antes do início da aula, podem aliviar a tensão, tornar os alunos mais descontraídos e compreensivos e abrir suas mentes, para que se tornem mais receptivos. Tudo faz parte do processo criativo que pode ser desenvolvido na sala de aula.

Portanto, sejam criativos. Sorriam e removam a tensão. Não tenham medo de tentar novas maneiras de ensinar as lições do manual. Usem recursos, se eles ajudarem. Procurem conhecer bem o material

de sua lição, para que não precisem ler o texto. Um simples esboço feito num cartão-índice normalmente conterá informações suficientes para desenvolver a lição. Estejam sempre preparados para uma pergunta ou circunstância imprevista. Lembrem-se de que as lições criativas nem sempre são completamente previsíveis.

E, finalmente, não vale a pena usar criatividade de qualquer tipo, se ela não motivar os alunos a formularem perguntas sérias e a meditar profundamente sobre os ensinamentos da lição. Ao se prepararem para dar uma lição criativa, portanto, perguntem a si próprios e em suas orações, como podem ensinar melhor as essências da lição. O que realmente poderia interessar aos alunos e fazê-los meditar sobre o assunto que está sendo ensinado? Se é a respeito de um auxílio visual, qual poderia ser usado? Se é acerca de uma determinada situação social (como uma dramatização ou um breve relato apresentado por uma pessoa experiente), qual o melhor momento para apresentar esta parte da lição? De que maneira os alunos poderiam tirar o máximo proveito no menor prazo possível?

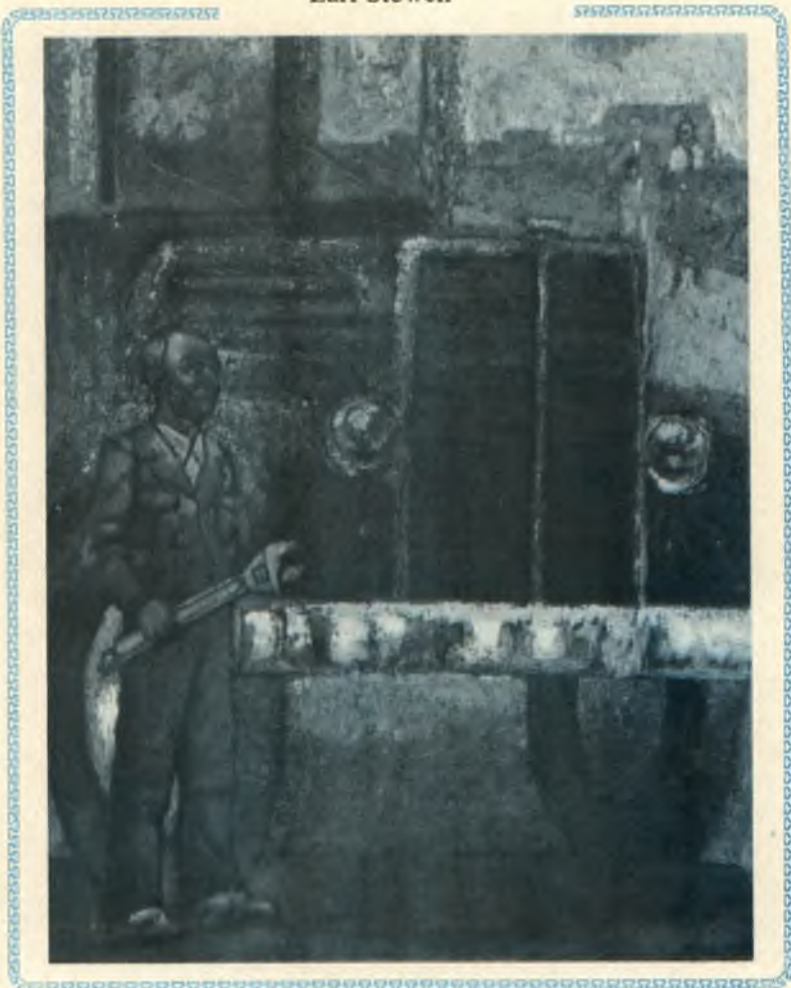
Não é necessário fazer como o irmão Arvin e trazer duas valises cheias de materiais para a classe a cada semana para reforçar suas lições. Mas, se desejar ter alunos mais vivazes, debates mais interessantes e desfrutar mais do que nunca de sua designação de ensino, apresentem suas lições com criatividade e coloquem uma centelha de entusiasmo em seus alunos.

É chocante para mim imaginar que tantos anos se passaram desde que o pequeno Ben me ensinou uma lição tão profunda, que sua história precisa ser preservada. Ela começou com um telefonema

do bispo. “Você e sua mulher poderiam encontrar-me em meu escritório às vinte horas do próximo domingo?” Muitas vezes fico imaginando se os bispos têm alguma idéia do que acontece ao estômago de

O Pequeno Ben

Earl Stowell



uma pessoa que recebe um telefonema desses, principalmente se isto acontece no início da semana.

Sentados no escritório do bispo, ouvimo-lo dizer: “Estou designando vocês para visitar diversas famílias inativas. Creio que um casal pode abrir caminho onde todos nós falhamos.” Fizemos o melhor possível para sorrir, ao aceitar aquela designação.

Entramos em ação alguns dias depois, após nos estimularmos mutuamente diversas vezes. Com o passar do tempo, nosso entusiasmo começou a se desvanecer, até que batemos à porta daquela casa. Como sou de baixa estatura, geralmente levanto bem a cabeça a fim de olhar para o rosto da pessoa que vem atender, mas, desta vez, tive que baixá-la, pois quem nos apareceu não tinha mais de 1,50 m de altura.

Ele era magro, e era preciso um grande esforço para chegar aos 45 quilos. Era idoso, mas sua estatura ereta e movimentos vigorosos fizeram-nos ver que a idade teria que lutar muito para subjugar-lo. Seus pequenos olhos espertos eram bem separados, e a boca, um corte direito que parecia ir de uma orelha à outra... Sua pele era como couro granuloso.

Dissemos-lhes que éramos seus vizinhos e membros da Igreja, e que havíamos chegado para conhecê-lo. Ele pareceu meio desconfortável ao convidar-nos para entrar em uma pequena sala cheia de cinzeiros. Porém, com o jeito desembaraçado de minha mulher, logo estávamos conversando amigavelmente. Ele

nos disse que dirigia um caminhão. Imaginei que era uma camioneta, mas acontece que era um caminhão basculante. Fiquei abismado com esse fato.

“Os motoristas geralmente são pessoas corpulentas. Como você pode...”

Ele interrompeu, dizendo: “Tenho uma chave inglesa de 45 centímetros ao lado do assento de meu caminhão. Meus colegas a conhecem. Isso nos equipara.” E disse ainda: “Irei aposentar-me, quando tiver mais de setenta e dois anos. Ainda não cheguei lá.” Era proprietário do caminhão e o alugava para grandes firmas construtoras.

À medida que os meses passaram, começamos a aguardar ansiosamente o momento de visitar Ben. Certa noite, ao chegarmos, ele tentava soltar uma peça do caminhão e pulava para cima e para baixo na ponta de uma chave inglesa quase do seu tamanho. Logo a porca se soltou. Ele desceu do caminhão e disse: “Puxa! Consegui! De repente, ela começou a trepidar, como se estivesse em pedaços. Já encomendei uma peça. Recomeçarei a trabalhar amanhã à tarde. Terei algum trabalho para montá-la.”

Naquela noite, ele demonstrou sinais de cansaço, por isto ficamos apenas alguns minutos. Ao nos aproximarmos da porta, e nos despedirmos, o pequeno Ben olhou para cima e perguntou: “Quando é que vocês começarão a me dizer o que eu devia estar fazendo — como deixar de fumar, freqüentar as reuniões do Sacerdócio e da Igreja, e tudo o mais?”

“Ficariamos mais felizes, se você estivesse fazendo essas coisas, mas compete a você decidir. Estariamos apenas insultando, se tentássemos dizer-lhe o que deve fazer, quando você já sabe. Viemos visitá-lo, porque — bem, porque a nossa família não é completa sem você.” Ele despediu-se de nós com um forte aperto de mão.

Na semana seguinte, recebi um telefonema em que alguém perguntava: “A que horas é a reunião do Sacerdócio?” Dei-lhe a informação de que necessitava e ofereci-me para ir buscá-lo, somente para ter companhia.

“Não, sei o caminho, e ninguém tem de levar-me aonde devo estar.”

Encontrei-o esperando-me do lado de fora da capela. “Talvez fosse melhor deixar de fumar primeiro”, disse. Falei-lhe que seria mais fácil alcançar aquele objetivo com o auxílio do Senhor. Ele respondeu: “Comecei a fumar aos oito anos de idade. Não tenho certeza de que conseguirei abandonar o vício.” Disse-lhe da minha absoluta certeza de que ele conseguiria.

Ele logo foi apelidado de Pequeno Ben, sem que soubesse. Apesar de sua pouca educação formal, seu tamanho e idade avançada, logo construiu sólidas amizades e participava de todos os projetos do quorum de élderes.

Então, certa noite, recebi um nervoso telefonema: “Preciso falar com você. Querem-me como mestre visitante da ala. Não posso aceitar, pois ainda estou fumando e não sei quase nada. Como ensinar às pessoas o que não sei? Dizem que há tanta falta de líderes, que não me

podem dar nem mesmo um companheiro. Que fazer?”

Também fiquei abalado. O pequeno Ben era muito especial, e não queria que ele se perdesse. Comecei a orar em silêncio com todo o fervor, depois respirei fundo e falei: “Ben, alguma vez tentamos ensinar-lhe o que fazer?”

“Não. Vocês apenas me mostraram que eu era importante para vocês e me fizeram sentir-me importante também. Talvez por isso decidi voltar para a Igreja.”

“Ao encontrá-lo, descobrimos alguém por quem valia a pena fazer tudo ao nosso alcance. Agora, você poderia telefonar para essas pessoas e lembrá-las de quanto são importantes. Diga-lhes que são tão importantes, que deseja falar-lhes sobre algo que achou ser tão valioso para você, que gostaria de partilhar com elas.”

Após momentos de silêncio, ele respondeu: “Boa idéia. Farei isso mesmo.”

À tarde eu costumava pegar meu carro e dirigir rua abaixo, para o local onde residiam diversas das famílias visitadas por Ben. Todos eles eram membros inativos, a maioria deles afastados da Igreja há muitos anos. Certa noite, vi o pequeno Ben abraçado a uma imensa melancia, como jamais vira naquela estação do ano.

Cada passo seu era um verdadeiro sacrifício. O mercado ficava a três quarteirões. Quando passei perto dele, vi-o entrar numa daquelas casas.

Ao encontrá-lo, mencionei o fato, e ele explicou: “Passei pelo mer-

cado, quando me dirigia para casa. Preciso pensar muito naqueles meninos. Seu pai está desempregado. Melancias são caras nesta época do ano. Sabia que os meninos jamais haviam provado uma, e para certificar-me de que todos comeriam o suficiente, comprei a maior melancia do mercado.”

Logo depois, vi-o caminhando apressadamente no calor da noite, levando um grande cartão de aniversário. Mais tarde, explicou-me: “Esta garotinha tem muitos irmãos. Eles recebem todas as atenções, por isto pensei que, se eu levasse pessoalmente o cartão para ela, em vez de enviá-lo pelo correio, isso faria com que ela soubesse que é importante. Há algumas semanas, aconteceu também, em outro lugar, que alguns meninos lhe arrancaram o braço da boneca. Ninguém, a não ser a garotinha, pareceu importar-se. Levei sua boneca para casa, e com muito cuidado, consegui pescar a mola que prendia o braço, e consertei o brinquedo. Levei toda a noite fazendo isso, mas valeu a pena. Agora, ao chegar em sua casa, ela pega sua boneca, e recosta sua cabeça em mim.” Pensei notar um toque de emoção em sua voz.

Pouco tempo depois, recebi um telefonema em que ele dizia, emocionado: “Uma garotinha que visito na ala vai ser batizada!” Era um resultado tangível. Também fiquei emocionado, e minha mulher chegou a chorar de alegria.

Fazia cinco anos que o único contato daquelas famílias com a Igreja era proporcionado pelos mestres ou pelo telefonema ocasional de alguma professora visitante. Nos três

anos seguintes, o pequeno Ben telefonou oito vezes, sempre emocionado, para contar-me a respeito de alguma bênção ou batismo que seria feito, ou ainda sobre algum menino que iria avançar no Sacerdócio. Perguntei-lhe como fazia para tocar suas vidas de tal maneira, e me respondeu: “Agi como você me aconselhou. Fi-los saber que eu não era melhor do que eles, e que não os visitava para ensinar-lhes o que deviam estar fazendo. Disse-lhes que o bom Senhor havia preparado uma mesa espiritual para a família deles, e que, enquanto não partilhassem dela conosco, deixariam um lugar vazio à mesa, e a família não estaria completa.”

Quando o programa de mestres visitantes foi mudado para ensino familiar, tudo o que tivemos que fazer foi usar o desempenho do Pequeno Ben como exemplo.

Ben tornou-se um dínamo entre a sua prolífica família, chamando à responsabilidade também os que estavam inativos. Despertou no neto o interesse pela Igreja, mandou-o numa missão e depois fez com que entrasse para a Universidade de Brigham Young. Mas foi quando o neto se enamorou de uma jovem de lá, que Ben começou sua luta mais difícil.

“Não querem deixar-me entrar no templo com os meninos, a menos que eu deixe de fumar. Você poderia ajudar-me?”, pediu ele. Prometi-lhe que sim, e muitas vezes me telefonava para pedir-me que orasse por ele. Era uma decisão muito difícil, mas consegui vencer. Jamais esquecerei a expressão de seu rosto na primeira vez em que nos senta-

mos lado a lado durante uma sessão do templo.

Minha mulher e eu realizamos uma pequena viagem de três dias. Ao voltarmos, o pequeno Ben não estava na reunião do Sacerdócio. Informou-me o bispo que ele se encontrava hospitalizado. Disse que iria visitá-lo, mas o bispo acenou a cabeça negativamente, dizendo: "Ele está em coma, com uma grande hemorragia cerebral." O pequeno Ben jamais recobrou a consciência.

Não esperávamos um grande funeral, mas as pessoas começaram a chegar e continuaram a vir, até que tivemos que abrir apressadamente as grandes portas do salão cultural e colocar algumas fileiras de bancos. Quatro ou cinco das famílias de quem ele era mestre familiar esta-

vam presentes. Um dos maridos, não-membro da Igreja, apresentou-me um confuso vizinho, que disse: "Nem sei mesmo por que estou aqui, mas meu vizinho insistiu tanto, que não pude deixar de comparecer. Ele me disse que este era um homem tão importante, que eu deveria tirar o dia de folga para vir aos seus funerais." Fiquei imaginando se, quando chegar a minha hora, haverá alguém que insistirá em que seu vizinho o acompanhe e pense da mesma forma. Este homem deve ter sido realmente grande!"

Quem o trouxe, disse-lhe: "Gary, ele era parte de nossa família. Não da família sangüínea, mas da real e genuína.

Earl Stowell, mestre familiar e editor do jornal da ala, é membro da Segunda Ala de Paradise, Estaca de Chico - Califórnia.

Novo Templo em Utah

Dia 3 de fevereiro próximo passado a Primeira Presidência anunciou seus planos de construir um novo templo no município de Lago Salgado. O templo, que será denominado Templo do Rio Jordão, será construído em uma gleba de terra de aproximadamente 60.000 metros quadrados, localizada na parte sudoeste do município.

O novo templo será o sétimo em Utah e o quarto na região mais populosa do estado. Diz a Primeira Presidência que é grande a necessidade deste novo templo, devido ao grande aumento de freqüência aos templos daquela área.

Ao mesmo tempo, a Primeira Presidência anunciou que já estão em estudos os planos para construção de novos templos em outras regiões distantes da Igreja.

Os trabalhos de desenho do projeto do Templo do Rio Jordão iniciar-se-ão imediatamente sob a direção do arquiteto da Igreja, Emil B. Fetzer, e a construção começará assim que os planos fiquem prontos, provavelmente em fins de 1978. O novo templo terá aproximadamente a mesma capacidade dos de Provo e Ogden.

Referindo-se ao aumento dos trabalhos dos templos, o Presidente Spencer W. Kimball disse que 33 por cento de todos os endowments realizados desde que a Igreja foi organizada foram feitos nos últimos 6 anos.

"Alegra-nos que a freqüência aos templos de Salt Lake, Ogden e Provo tenham atingido o recorde de todos os tempos em 1977 e a tendência é subir ainda mais".

"O novo templo será muito bem recebido pelos membros fiéis do sul do Lago Salgado, pois muitos deles tinham que ir a Provo para fazer sua obra no templo". disse o líder da Igreja.



2.500 pessoas estiveram presentes à Conferência de Estaca de Curitiba, agora dividida em duas Estacas.

Élder Mark E. Petersen Divide Estaca de Curitiba

Depois de visitar a estaca São Paulo, onde presidiu a conferência, Élder Petersen rumou para Curitiba em companhia do Representante Regional Walter Spät, onde dividiu a estaca Curitiba em conferência realizada no auditório Bento Munhoz da Rocha Neto do Teatro Guaíra, com 2.500 pessoas.

Elder Mark E. Petersen, que ocupa a segunda posição no Conselho dos Doze, foi a Curitiba com duas funções: presidir a conferência e dividir a estaca naquela cidade, que cresceu muito nesses últimos anos, contando com quatorze unida-

des, incluindo a Ala de Joinville e duas Alas de Ponta Grossa. Com o desmembramento passaram a existir as estacas de Curitiba Brasil e Curitiba Brasil Sul. Também nessa ocasião foram escolhidas as presidências e os membros do Sumo Conselho.

Durante a sessão única da conferência que se realizou às 10 horas da manhã de domingo do dia 26 de fevereiro p.p., discursos de autoridades e testemunhos de líderes recém apoiados intercalaram-se a cânticos de louvor oferecidos pelo coro das unidades locais. A palestra de

Liderança da Estaca Curitiba-Brasil Sul: Presidente: Albino Bruno Schmeil; 1.º Conselheiro: Julio Caillot Mourão; 2.º Conselheiro: Daltro Fúlvio Torno; Secretário: Antonio Monteiro Dias.



Liderança da Estaca Curitiba-Brasil: Presidente: Milton José Nielsen; 1.º Conselheiro: Nobuo Susuki; 2.º Conselheiro: Waldemar Baer; Secretário: Raul Taques Pimentel.

Élder Petersen sobre a necessidade de um profeta nesses últimos dias encerrou a cerimônia em que foram designados e apoiados pela congregação líderes para as duas estacas. Ficaram assim compostas suas lideranças: Estaca Curitiba Brasil-Sul: Presidente — Albino Bruno Schmeil; 1.º Conselheiro — Júlio Caillot Mourão; 2.º Conselheiro — Daltro Fúlvio Torno; Secretário da Estaca Antonio Monteiro Dias; Membros do Sumo Conselho: Gilberto Gaertner, Silvano Nestor Samways, Pedro Quintana Teodorowsky, Victor Bento, José Altair Principal, Julio Daniel Sanzovo Mourão, João Cada-

muro, Ivo Stadler, Celso Cândido de Menezes, Ayrton Eurich, Estaca Curitiba-Brasil: Presidente — Milton José Nielsen; 1.º Conselheiro — Nobuo Susuki; 2.º Conselheiro — Waldemar Baer; Secretário Adjunto — Getulio Walter Jagler e Silva, Secretário da Estaca — Raul Taques Pimentel; Membros do Sumo Conselho: Jair Laertes Luz, José Vaz, Carlos Alberto Quentim, José Benedito dos Prazeres, Oswaldo Vito do Bertão, Antonio de Mello, Carlos de Assis Delvan, Waldemar de Almeida, Walter Iurck e Walfrido de Almeida.

IPOMÉIA

Berço do Mormonismo no Brasil

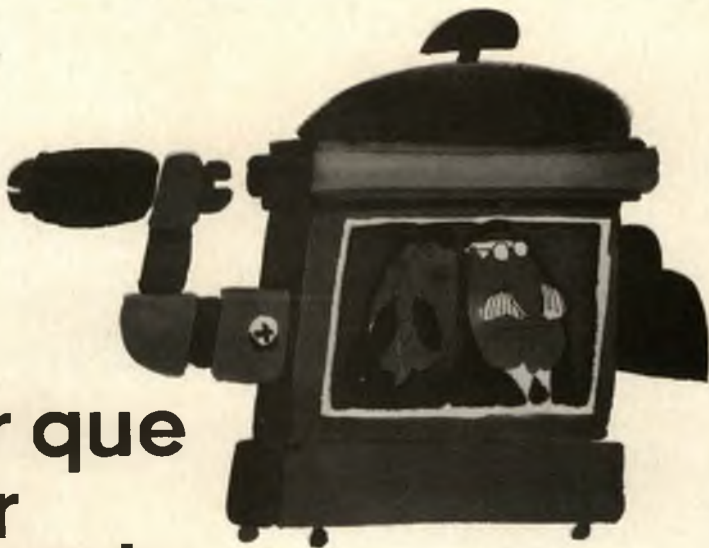
A poucos quilômetros de Videira, indo por caminho ainda rudimentar, encontramos a pequena vila de Ipoméia. Para os mais antigos membros da Igreja ela tem um significado especial. Para os mais novos o desejo de saber mais e conhecer nossa própria história. Pensando nos dois extremos, o início da pregação do Evangelho e o limiar da dedicação do templo fomos a procura dos pioneiros mórmons no Brasil.

Com uma situação geográfica privilegiada, fincada bem no centro de S. Catarina, encontramos Ipoméia, berço do Mormonismo. Sua história pode agora ser contada por seus pioneiros: a família Blind. Com euforia e entusiasmo fomos recebidos pela irmã Blind. Sua história é emocionante. Deixemos que ela nos conte.

"Somos de origem alemã. Minha avó e minha tia converteram-se à Igreja na Alemanha. Meu avô, de temperamento austero e rígido, de forma alguma queria saber dos mórmons. Queria evitar contato com membros da Igreja a qualquer custo. Pensando solucionar o problema, pesquisava qual o país onde a Igreja não estava estabelecida. Descobriu que no México, para onde pretendia ir, havia uma grande colônia mórmon e por isso escolheu vir para o Brasil. Toda a família arrumou as malas e partiu para o desconhecido, em busca, dizia, de tranquilidade e paz e longe de contato com os mórmons. Não quis permanecer no litoral e por isso embrenhou-se no interior, supondo-se seguro e longe de contato com os mórmons. Minha avó, porém, perseverava na fé e tendo um firme testemunho, escreveu a Salt Lake, recebendo folhetos e informações e toda ajuda espiritual que a Igreja podia dispensar-lhe. Não conhecendo bem o idioma, solicitou material impresso em alemão. A expectativa de uma resposta ia-se desvanecendo, quando um dia minha tia teve que ir à cidade. Era uma caminhada de quase 8 Km. De longe ela vislumbrou a figura de um homem, bem vestido e com características de forasteiro. Ao aproxi-

mar-se da jovem perguntou-lhe se conhecia a família Lippelt. "Você está falando com uma delas", replicou minha tia. Foram feitas as apresentações e este homem não era outro senão o Presidente da Missão Sul-Americana, sediada em Buenos Aires. O presidente foi recebido em casa dos Lippelt com alegria e entusiasmo. Explicou que recebera uma carta do Presidente David O. McKay, pedindo-lhe que visitasse a família e estabelecesse os alicerces de São naquele rincão.

Missionários foram enviados a Joinville e esses mesmos missionários dariam assistência a Ipoméia. Nessa época o irmão Blind, ainda com o coração endurecido, não quis receber as lições e não queria saber nada do Evangelho. Um dia, porém, o Senhor mostrou ao irmão o caminho para a humildade e aceitação. Sendo um homem de constituição muito forte e acostumado às lides do campo, amanheceu certa vez completamente paralítico. Foi aí que o Senhor tocou o coração daquele homem e a persistência dos missionários venceu o forte antagonismo pelos mórmons. Ele começou a receber as lições e aceitou o batismo. Mas como fazer para batizar um homem paralítico? Levá-lo às águas não era problema, mas mudar a roupa de que forma? O irmão Blind tranquilizou os missionários, dizendo: Não se preocupem, levem-me às águas e façam o batismo que eu sairei andando. E assim, naquele memorável dia o irmão Blind foi batizado e saiu andando das águas do batismo. A luta terminara. A fé, a coragem e a persistência da irmã foram coroadas de êxito. O Senhor a recompensou. Hoje Ipoméia conta com 37 membros, todos camponeses. O pátio da capela aos domingos nos recorda as cenas dos pioneiros mórmon em Kirtland, Nauvoo e Salt Lake. Carruagens de vários tipos estacionam no pátio e os trajes típicos europeus predominam. As reuniões se processam normalmente como em todas as unidades, mas havia uma característica inusitada: um orador em alemão, seguido de outro que falava em português.



Por que o Mar é Salgado

(Conto folclórico)

Por Solveig Paulson Russel — Ilustrado por Sherry Thompson

Dois irmãos, João e Chico, viviam à beira-mar. João era agradável, porém muito pobre. Chico era rabugento, sovina e muito rico.

Num dia de festa da aldeia, João não tendo o que comer, foi à casa de seu irmão. "Por favor, dê-me alguma coisa para minha mulher e eu comermos, mano Chico", disse ele. "Prometo-lhe que pagarei com o meu trabalho, quando chegar a colheita."

Chico não desejava realmente dar nada a João, mas com medo dos comentários dos vizinhos, deu um pedaço de presunto ao irmão, dizendo: "Pegue isto e suma-se. Na época da colheita, espero que me dê um dia de trabalho em pagamento."

João pegou o presunto e foi de-

pressa para casa. Ansioso por chegar, tomou um atalho pelo bosque. Andou, andou, e concluiu que estava perdido. Enquanto decidia o que fazer, João ouviu ao longe o som do machado de um lenhador. Seguindo aquele ruído, não tardou a chegar perto de uma grande casa, onde encontrou um velhinho partindo lenha.

"O senhor pode ensinar-me o caminho..." começou ele a falar, mas não teve tempo de terminar, pois o machado escapou das mãos do homem, e teria cortado a perna do lenhador, se João não pulasse rapidamente e o jogasse ao chão.

"Você é um bom rapaz," disse o lenhador. "Salvou-me de ficar muito ferido. Agora quero que vá lá naquela casa, e encontrará alguém que gosta de presunto. Não aceite nada

em troca, a não ser um velho moinho manual atrás da porta. Depois, volte aqui e lhe ensinarei a usá-lo. Aquele moinho pode fazer qualquer coisa."

João achou aquilo muito esquisito, mas fez o que o homem lhe ordenara. Dentro da casa, encontrou uma porção de anões. Ao sentirem o cheiro de presunto, começaram uma grande gritaria e perguntaram a João o que podiam dar a ele em troca do presunto.

"Só aceitarei o velho moinho atrás da porta," disse ele.

Os anões ofereceram muitas coisas em troca do moinho, mas João as recusou. Finalmente, concordaram na troca.

O velho lenhador ficou contente ao ver João com o moinho embaixo do braço. Deu-lhe rápidas instruções sobre como fazê-lo funcionar, parar, e obedecer às suas ordens. João agradeceu ao bom homem e logo partiu para casa pelo caminho certo.

Ao chegar lá, pôs o moinho na mesa e disse: "Faça um jantar." Para alegria de sua mulher, o moinho fez o melhor jantar que João jamais provara.



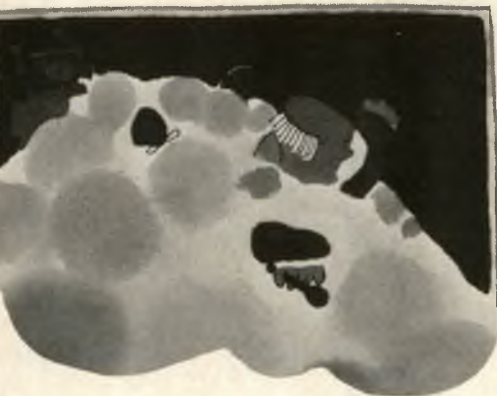
Depois daquilo, ele pediu ao moinho que fizesse outras coisas boas: comida, roupas, prata, ouro, e tudo o de que necessitavam. Para comemorar, convidaram alguns amigos para compartilharem da sua felicidade. Chico também foi convidado, porém, ao ver os bens que o irmão desfrutava, ficou roído de ódio e inveja. "Onde conseguiu tantas riquezas?" perguntou ele.

Quando João lhe falou sobre o moinho, Chico cobiçou-o para si. Tanto rogou ao irmão, que finalmente João concordou em dá-lo, porém antes disso, ele e sua mulher pediram ao moinho que fizesse coisas boas suficientes para diversos anos, e depois levou o moinho para o irmão.

Chico estava louco para ficar sozinho com aquele tesouro. Tão ansioso estava, que não ouviu quando ele lhe ensinou o que devia fazer para que parasse. Logo que ficou só, Chico ordenou: "Faça-me um mingau. Estou com vontade de comer mingau."

Imediatamente o moinho começou a funcionar. Primeiro, encheu uma tigela de mingau, depois uma bar-





"Claro que faz," respondeu João.
"Darei mil moedas por ele," ofereceu o marinheiro.

"Não," respondeu João. "Não me desfaço de meu maravilhoso moinho."

Mas o marinheiro pediu com tanta insistência que João decidiu vendê-lo. O homem saiu apressadamente com o moinho, entrou em seu barco e zarpou para o alto mar.

Quando já estava bem longe, parou o barco, colocou o moinho no chão e disse: "Faça sal, e faça rápido!"

Imediatamente, ele começou a funcionar, e como aconteceu com o Chico e o mingau, o moinho não queria parar mais. Os porões já estavam abarrotados, e o sal enchia todas as frestas. O marinheiro continuou a dizer, pedir e se lamentar, rogando que o moinho parasse. Porém, o sal continuou a jorrar, formando montes em cima do convés, enquanto o barco afundava, cada vez mais.

Por fim, o barco submergiu completamente, perdendo-se de vista, até ficar parado no fundo do mar, onde ainda hoje se encontra, fabricando sal infinitamente.

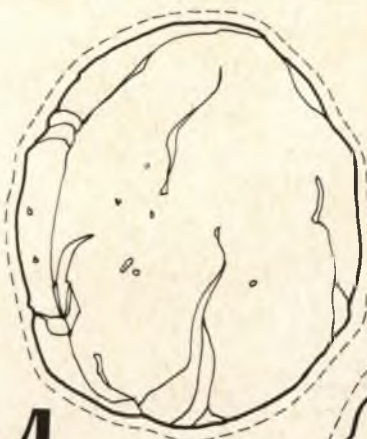
rica, depois encheu também a mesa, e logo toda a cozinha estava inundada de mingau, que já escorria porta afora para o pátio. "Pare! Pare! Pare!" gritava o Chico, mas o moinho não parava de despejar aquele dilúvio de mingau.

Finalmente, Chico lembrou-se de chamar o irmão, e saiu escorregando pelo meio do mingau até encontrar a porta. "Traga o seu moinho de volta," gritou ele. Traga-o de uma vez! Se ele fizer mais mingau, acabaremos nos afogando nele. Darei tudo o que pedir, se aceitá-lo de volta!"

João foi buscar o moinho e o fez parar da maneira que o lenhador lhe ensinara. Por muitos anos, continuou a usá-lo para obter o que desejava. Logo se tornou um homem rico e morava numa bela mansão que brilhava com esplendor à beira-mar. Muitos marinheiros que passavam por ali paravam para ver o moinho.

Certo dia, um deles perguntou: "Esse moinho faz sal? Tenho que viajar para muito longe para obter um carregamento de sal para vender. Gostaria de ter um moinho que pudesse fazê-lo."





Página Colorida Para o Flanelógrafo

“Ele Ressuscitou”



1 Depois que Jesus foi crucificado, seus amigos levaram seu corpo e prepararam-no para o sepultamento.

2 José de Arimatéia fez com que o corpo de Jesus fosse colocado no sepulcro que mandara fazer para si mesmo.

3 Soldados foram colocados para guardar o sepulcro, a fim de que os discípulos não viessem e tirando o corpo de Jesus da tumba, dissessem que ele havia ressuscitado.

4 Foi colocada uma grande pedra à porta da tumba, para fechá-la. Os principais dos sacerdotes e os fariseus disseram a Pilatos que, enquanto Jesus ainda vivia, ele dissera que em três dias se levantaria novamente.

5 Após a ressurreição, Jesus encontrou Maria chorando no jardim. Disse-lhe: “Mulher, por que choras?” Maria, supondo que ele era o jardineiro, respondeu: “Senhor, se tu o levaste, diz-me onde o puseste, e eu o levarei.” Gentilmente Jesus disse: “Maria.” Então ela reconheceu que era Jesus que estava diante dela.



INSTRUÇÕES

COMO FAZER UM FLANELÓGRAFO

Para usar as figuras no flanelógrafo, cole pedaços de flanela atrás das figuras, em diversos lugares, usando uma argola de esparadrapo ou fita adesiva, com a parte aderente voltada para fora, para que cole tanto na figura quanto na flanela. Essas figuras também podem ser usadas em pé, prendendo-se a um carretel vazio, ou blocos de madeira, com alfinete ou percevejo. Você poderá usá-las também no chão ou sobre a mesa, quando contar histórias.

A Confirmação de Marco Antônio

Fotos por Eldon Linschoten

Ao entrar na capela, Marco Antônio vai sentar-se com a sua família e amigos.



1 Marco Antônio e sua família entrando na capela onde ele será confirmado um membro da Igreja.

2



Depois que os bebês forem abençoados, será feita a confirmação.

3



Quando é chamado o nome de Marco Antônio, ele e seu pai se dirigem à frente da congregação, onde ele se senta numa cadeira. O pai de Marco Antônio e seus amigos ficam em pé, em círculo, ao seu redor.

4



5

Eles colocam as mãos sobre a sua cabeça, enquanto seu pai, que é portador do Sacerdócio de Melquisedeque, o chama pelo nome, confirma-o um membro da Igreja e dá-lhe o dom do Espírito Santo e uma bênção.



6

Depois de ser feita a oração, os homens que compõem o círculo apertam a mão de Marco Antônio e o felicitam.





Pequena Missionária

Prega o Evangelho Aos Parentes.

Peggy Mills

Correspondente do Church News.

Douglas, Georgia,

Janet Fussel tinha só cinco anos de idade, quando prestou pela primeira vez seu testemunho à congregação do Ramo de Douglas.

Por amar o evangelho, seus esforços missionários resultaram no batismo de um homem de 74 anos de idade.

Janet, filha do irmão e da irmã Wilford Fussel, sempre viveu na mesma rua que seu tio-avô, William Bordeaux. "Tio William" sempre foi o favorito de Janet. Em suas constantes visitas à casa dele, falava-lhe a respeito da Igreja, perguntava-lhe sobre as suas crenças religiosas e contava-lhe a respeito do Evangelho que sabia ser verdadeiro.

Através de seu exemplo e amor, "Tio William" interessou-se pela Igreja. Quando Janet estava com quase sete anos, começou a se preocupar com ele, e tomou a firme decisão de

pedir aos missionários que o visitassem.

Ele fumara cachimbo quase toda a sua vida, mas com o estímulo que os missionários e Janet lhe deram, conseguiu finalmente abandonar o vício e começou a receber as palestras.

Nascido em 1900, jamais se havia filiado a qualquer igreja, e não se casara. Tio William tivera parte da perna direita amputada num acidente ocorrido havia muitos anos, mas conseguiu ganhar seu sustento trabalhando como fazendeiro até ser aposentado.

Ao chegar o oitavo aniversário de Janet, seu tio-avô aceitou o desafio de ser batizado, e foi marcada a data. A "pequena" missionária sentia-se orgulhosa do papel que havia desempenhado no sentido de ajudar aquele converso muito especial e escolhido, a ser um membro da Igreja.

Recomendação para o Templo



Aproxima-se rapidamente a época da abertura do templo. As obras seguem seu cronograma nos prazos previstos. Muitos de nossos irmãos, em todo o Brasil e na América do Sul, com exceção da Venezuela, que fazem parte do Distrito do Templo de São Paulo, já têm suas recomendações, assinadas por Bispos/Presidentes de Ramos, e Presidentes de Estacas/Distritos.

E você já recebeu a recomendação? O que está faltando? Seu Bispo/Presidente de Ramo, deseja que Você possa receber as bênçãos destinadas aos que preenchem os requisitos do Evangelho de Cristo.

A pessoa digna pode e deve solicitar uma recomendação. O primeiro grande passo é ser submisso à vontade do Senhor. Prove sua fé corrigindo o que houver de errado em sua vida e obra a oportunidade de ganhar entendimento e poder, através das ordenanças sagradas do templo.

Observamos algumas reações interessantes quando da publicação na Liahona de fevereiro de uma lista das prováveis perguntas que surgem na entrevista para a recomendação. Por exemplo: Se o Bispo ou Presidente do Ramo na entrevista, aproveita a oportunidade para saber como seu rebanho está obedecendo ao Profeta e lhe faz a pergunta n.º 15: Tem

armazenado alimentos para 1 ano? Não quer dizer que você não pode ir ao templo porque não tem feito isso. Mas, pode fazer uma idéia da sua obediência, ou poderá conhecer os problemas que o impedem de fazê-lo, e orientá-lo a iniciar o plano citado. Só através das entrevistas é possível obter ajuda e tratar-se corretamente de qualquer problema que exista na vida dos membros da igreja.

Analisemos mais uma das perguntas.

JEJUA MENSALMENTE?

O jejum nos aproxima espiritualmente do Senhor, motivo suficientemente forte para nos estimular a fazê-lo regularmente. Jejum e oração são experiências positivas, especialmente recomendadas pelo Senhor. Ao jejuar com oração, mostramos a seriedade de propósito, comprometemo-nos a fazer tudo ao nosso alcance, e consignamos os resultados ao Senhor.

O Bispo Presidente Victor L. Brown disse na Conferência Geral de outubro passado, sobre o jejum: "Alma jejuou para obter sucesso numa missão em que anteriormente fracassara. Ele sabia da importância da ajuda divina, se quisesse vencer. Após haver jejuado para cumprir sua missão, o Senhor interveio e deu-lhe poder. Podemos receber a mesma bênção, se aproveitarmos esse princípio.

Orar com um propósito é vital para a observância da lei do jejum. Não basta nos abstermos de duas refeições seguidas, no jejum mensal ou no de propósito específico. Há muitos motivos para jejuar. Alguns são: 1. Para vencer as tentações de Satanás, como fez o Salvador. (Isaías 58,6); 2. Ajudar os pobre e necessitados. (Isaías 58:7); 3. Obter sucesso na vida. (Isaías 58:8); 4. Para nos humilharmos, e nos prepararmos para nos comunicar com Deus.

A maior lição sobre o jejum foi ensinada pelo próprio Salvador. Em Lucas, há o seguinte: "E quarenta dias foi tentado pelo diabo, e naqueles dias não co-

meu coisa alguma; e terminados eles, teve fome. E disse-lhe o diabo: Se tu és o filho de Deus, dize a esta pedra que se transforme em pão. E Jesus lhe respondeu, dizendo: Escrito está que nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra de Deus" (Lucas 4:2-4).

Esses poderosos exemplos nos ensinam algumas lições básicas. Primeiro, deve haver um propósito associado ao jejum. O próprio Salvador usou-o para ganhar força interior e poder espiritual numa fase decisiva de seu ministério. A lei do jejum abençoa também em horas de tentação e tensões, se estivermos dispostos a vivê-la."

O Templo - Quando e Como?

Li em um número da Liahona sobre um irmão, membro digno cuja esposa é inativa e sua possibilidade de passar pelo templo. Gostaria de saber se no caso oposto como eu que sou assídua e creio estar digna, pois procuro viver o Evangelho com obediência e amor, mas meu esposo ainda não se converteu, apesar de não se opor a que eu frequente a igreja, se poderia passar sózinha e receber os endowments? (Julia - São Paulo).

Querida irmã, infelizmente o seu caso é diferente, pois você precisa do sacerdócio. Você precisaria de seu esposo para completar as ordenanças. Procure mostrar a seu esposo a importante responsabilidade do patriarca da casa. Da necessidade do mesmo tornar-se um élder e poder fazer as ordenanças do templo e possibilitar que você possa também receber aquelas bênçãos.

Fiquei sabendo que o Templo de São Paulo tem uma área chamada de distrito do Templo. Peço que nos esclareça qual

é realmente esse distrito? (Márcio - Minas Gerais).

Com todo o prazer lhe respondemos: O distrito do Templo de São Paulo é toda a América do Sul, com exceção da Venezuela. Portanto todos os estados do Brasil estão incluídos.

Eu e alguns irmãos de minha cidade, gostaríamos de assistir à dedicação do Templo, mas estamos com receio de não termos condições financeiras de suportar as despesas de estadia em São Paulo. Gostaria de saber se algumas famílias poderiam hospedar-nos.

Sim, querido irmão, desde o final do ano passado funciona um comitê encarregado de providenciar alojamento para todos os irmãos que vierem a São Paulo devidamente autorizados por seus Bispos. Para isso estão sendo providenciadas fichas que serão preenchidas aí em seu Ramo e deverão ser devolvidas a SP com a brevidade possível. Não serão aceitas solicitações feitas por outro meio.

Arbítrio ou Inspiração?



Elder Bruce R. McConkie
do Conselho dos Doze.

Minha mulher e eu estivemos conversando sobre as bênçãos que temos recebido. Identificamos uma série de coisas que obtivemos por sermos membros da Igreja, por nossa família e devido à restauração da verdade eterna nestes últimos dias, e por fim, ela formulou a pergunta: “Qual sua maior bênção recebida?”

Sem hesitar, respondi: “Aconteceu a treze de outubro de 1937, às

11:20 da manhã, ao ter o privilégio de, diante do altar do Senhor no templo de Lago Salgado, recebê-la como companheira eterna.”

Minha mulher respondeu: “Você se saiu bem naquela prova.”

Creio que a coisa mais importante para um SUD é casar-se com a pessoa certa, no lugar certo, pela autoridade certa; e depois — quando selados pelo poder e autoridade que Elias, o profeta, restaurou — a

outra coisa mais importante é viver de tal modo, que os termos daquele convênio sejam eficazes agora e para sempre. Gostaria de fazer algumas sugestões que se aplicam a todos os campos da escolha — e que se aplicam principalmente aos que dizem respeito ao casamento eterno, o mais importante de todos.

Quando na presença de Deus, nosso Pai Celestial, fomos investidos do livre arbítrio. Ele nos proporcionou o privilégio de escolher o que faríamos — livre e desimpedidamente. Quando o pai Adão foi colocado no Jardim do Éden, recebeu esse mesmo poder e nós o temos agora. Espera-se que usemos os dons, talentos, o senso de julgamento e arbítrio com os quais fomos investidos.

Por outro lado, obtivemos o mandamento de buscar o Senhor, de querermos o seu Espírito, de obtermos o espírito de revelação e inspiração para nossa vida. Ao sermos confirmados membros da Igreja, um administrador legal coloca as mãos sobre nossa cabeça e diz: “Recebe o Espírito Santo.” Esse ato nos dá o dom do Espírito Santo, que é o direito à companhia constante daquele membro da Deidade, desde que em retidão.

Defrontamo-nos assim com duas opções. A primeira é que devemos guiar-nos pelo espírito de inspiração e revelação. A segunda é que viemos à terra podendo usar o nosso livre arbítrio para determinar o que fazer. Mas é necessário estabelecermos um perfeito equilíbrio entre essas duas opções, se escolhermos o caminho para a alegria, sa-



tisfação e paz nesta vida e recompensas eternas junto ao Pai.

Na preexistência, ele observou nosso comportamento e sabia como corresponderíamos às suas leis, enquanto estávamos em sua presença, quando sabíamos que ele era nosso Pai e que os ensinamentos que nos eram apresentados provinham dele. Naquele tempo, caminhávamos pela visão. Agora ele está descobrindo como reagimos às suas leis, quando caminhamos pela fé e não estamos em sua presença, tendo de confiar em outras coisas que não o conselho que dele recebíamos.

Através de três estudos de caso, talvez possamos tirar algumas conclusões realísticas sobre como deve ser nossa vida. As ilustrações serão extraídas das revelações que o Senhor nos deu.

Estudo de caso número 1.

“Eis que não compreendeste.”

Nos dias primitivos Oliver Cowdery funcionava como amanuense do Profeta. Escreveu as palavras que o Profeta ditou, enquanto o espírito estava sobre ele durante a tradução do livro de Mórmon. Naquela época, o irmão Cowdery era relativamente imaturo no campo espiritual e tentava fazer algo que não podia na ocasião, ou seja, tra-



Ela disse: “Você se saiu bem naquela prova.”

duzir. Tanto importunou o Profeta, que ele apresentou o problema ao Senhor, em consequência do que recebera essa revelação: “Oliver Cowdery, na verdade, na verdade te digo que, tão certo quanto vive o Senhor, que é teu Deus e teu Redentor, assim também receberás o conhecimento de quaisquer coisas que pedires com fé e com coração honesto, crendo que receberás conhecimento concernente às gravações de velhos e antigos anais, os quais contêm as partes da minha escritura que foram mencionadas pela manifestação do meu Espírito.”

O Senhor revelou naquela ocasião um princípio aplicável a essa e a qualquer circunstância: “Sim, que eu te falarei à tua mente e ao teu coração, pelo Espírito Santo, que virá sobre ti e habitará em teu coração. Agora, eis que este é o espírito de revelação.” (D&C 8:1-3.)

Oliver reagiu como muitos teriam feito. Possuindo as instruções acima, presumiu que, se pedisse a Deus com fé, teria poder para traduzir. Mas devido à sua imaturidade espiritual, não aprendera ainda o que significava pedir ao Senhor, ou como gerar a espécie de fé para obter uma resposta à oração. Daí não ter obtido êxito, pois foi totalmente incapaz de traduzir. Isto fez, suponho, com que ele e o Profeta

ficassem um pouco preocupados. O assunto foi apresentado de novo ao Senhor, que explicou por que ele não pudera traduzir:

“Eis que não compreendeste; tu supuseste que eu te daria, quando não fizeste outra coisa senão pedir.” (D&C 9:7.)

Ele fora instruído a pedir com fé. Mas, além disso, existe aquela condição de fazermos tudo o que pudermos para alcançar a meta pretendida. É aí que usamos o nosso livre arbítrio. Empregamos todas as faculdades que possuímos, para obter o resultado desejado, que pode ser a tradução do Livro de Mórmon, escolher uma esposa, encontrar um emprego ou fazer qualquer uma das dez mil coisas importantes de nossa vida.

O Senhor disse ainda:

“Mas, eis que eu te digo, debes ponderar em tua mente; depois debes perguntar-me se é correto e, se for, eu farei arder dentro de ti o teu peito; hás de sentir, assim, que é certo.

“Mas, se não for correto, não sentirás isso, mas terás um estupor de pensamento que te fará esquecer o que for errado; portanto, não podes escrever aquilo que é sagrado, a não ser que eu te permita.” (D&C 9:8-9.)

Como vocês escolheriam uma esposa? Ouvi muitos jovens universitários dizerem: “É necessário que obtenha uma revelação. Preciso jejuar e orar para que o Senhor manifeste com quem devo casar-me.” Pois bem, talvez possa ser chocante dizer para vocês, mas nunca em minha vida perguntei ao Senhor com quem deveria casar-me. Simplesmente procurei a garota que desejava; ela serviu para mim. Porém, se eu quisesse agir da maneira perfeita ter-me-ia aconselhado com o Senhor, mas não o fiz. Apenas orei, para que ele me dirigisse sobre a decisão tomada.

Um modo mais perfeito seria pedir o conselho do Senhor, para ter uma confirmação espiritual de que o exercício de meu livre arbítrio fora correto.

“Por que me perguntais?”

Vejamos o estudo de caso número dois. Existiu um homem cujo nome não consta nos registros antigos. Através de outras fontes, sabemos que se chamava Moriâncumer, irmão de Jared. Foi o primeiro líder espiritual dos Jareditas. Quando eles iniciaram sua viagem, da Torre de Babel para a terra prometida, no continente americano, foi ele quem se comunicou com o Senhor para obter a diretriz espiritual para o seu povo.

Nessa ocasião, houve algumas coisas interessantes. Chegaram à beira do mar e o Senhor disse a ele: “Construa alguns barcos.” O irmão de Jared já fizera esse tipo de trabalho anteriormente e não precisava de instruções a respeito. E assim, construiu os barcos.

Porém, desta vez, as circunstâncias seriam mais difíceis, e ele precisava do que não havia necessitado anteriormente: de ar dentro dos barcos. Era um problema além de suas forças, portanto apresentou-o ao Senhor. O Senhor resolveu-o, dizendo: “Faze isto e aquilo e terás ar.”

Mas aí o irmão de Jared fez uma outra pergunta. “Que teremos por luz nos barcos?”

Então o Senhor respondeu: “Que desejais que eu faça, a fim de que tenhais luz em vossos barcos?” (Êter 2:23.) Em realidade, ele estava dizendo: “Por que me pergunta? Esse é um problema que você deveria resolver.” E continuou: “Portanto, que desejais que eu prepare em vosso proveito, a fim de que tenhais luz, quando estiverdes submersos nas profundezas do mar?” (Êter 2:25.) Em outras palavras, estava dizendo: “Moriâncumer, isso é problema seu. Por que me perturba? Dei-lhe o livre arbítrio. Vá e resolva o problema.”

Bem, o irmão de Jared entendeu a mensagem. Subiu a uma montanha chamada Shelem, e “tirou de uma rocha dezesseis pedrinhas brancas e límpidas como vidro transparente.” (Êter 3:1.)

Depois, Moriâncumer disse ao Senhor: “Toca nestas pedras e prepara-as para que brilhem na escuridão; e elas nos iluminarão nos barcos que fizemos, de forma que possamos ter luz enquanto cruzamos o mar.” (Êter 3:4.)

E o Senhor fez o que o irmão de Jared pediu. Nessa ocasião, ele viu o dedo do Senhor. Enquanto

estava em sintonia, o Senhor lhe revelou mais a respeito de sua natureza do que já fizera anteriormente, e isso porque ele havia feito tudo o que estava a seu alcance e buscou o conselho do Senhor.

Há um maravilhoso equilíbrio entre o arbítrio e a inspiração. Espere-se que façamos tudo o que pudermos, e depois procuremos a resposta do Senhor de que chegamos à conclusão correta. Às vezes, além dessa resposta, obtemos outros conhecimentos que jamais imaginávamos receber.

“Eles devem decidir entre si e mim.”

Eis agora o estudo de caso número três. Na história dos primeiros tempos da Igreja, o Senhor ordenou aos santos que se reunissem num determinado lugar do Missouri. O decreto foi taxativo: “Reuni-vos.” Observemos agora o que aconteceu. É o Senhor quem está falando:

“E agora, como eu falei concernente ao meu servo Edward Partridge, esta terra é a terra de sua residência, e a daqueles a quem ele nomeou como seus conselheiros; e também a terra da residência daquele a quem encarreguei de cuidar do meu celeiro;

“Portanto, que a esta terra tragam as suas famílias como decidirem entre si e mim.” (D&C 58:24-25.)

O Senhor ordenou a Sião que “se reunisse.” Mas os preparativos, a data e as circunstâncias seriam determinados pelo arbítrio dos que haviam sido chamados para se reu-

nir, só que eles deviam aconselhar-se com o Senhor. Quando vocês fazem isso, costumam tratar a respeito do assunto. Reúno-me com meus filhos e nos aconselhamos sobre um determinado problema. Não digo a eles o que devem ser. Digo-lhes apenas: “O que acham a respeito do assunto? Qual é a melhor decisão que podemos tomar?” Eles me dizem o que pensam a respeito e, se acontece que já tenha alguma experiência sobre aquele problema, expresso meus pontos de vista. O Senhor tem toda a sabedoria e poder. Ele sabe como nos dirigir de maneira perfeita. Deixa-nos determinar o que fazer, mas espera que busquemos o seu conselho.

Depois disso, ao Bispado Presidente da Igreja o Senhor ensinou um princípio que orientou aquela situação e se constitui numa das mais gloriosas verdades que nos foram reveladas. Ele disse:

“Pois eis que não é próprio que em todas as coisas eu mande; pois o que é compelido em todas as coisas, é servo indolente e não sábio; portanto, não será recompensado.

“Na verdade digo que os homens devem ocupar-se zelosamente numa boa causa, e fazer muito de sua própria e livre vontade, e realizar muito bem;

“Pois neles está o poder para assim fazer, no que são seus próprios árbitros. Se os homens fizerem o bem, de modo nenhum deixarão de receber a sua recompensa.

“Mas o que não faz nada sem ser mandado, e recebe mandamento

“Eu lhes dei o livre
arbítrio; vocês são dotados
de capacidade
e habilidade. Resolvam
o problema.”



com coração duvidoso, e indolentemente o observa, é condenado.” (D&C 58:26-29.)

Perguntaram certa vez ao Profeta Joseph Smith: “Como você governa um povo tão grande e diferente como são os Santos dos Últimos dias?”

Ele respondeu: “Ensino-lhes princípios corretos, e eles governam a si próprios.”

Essa é a ordem que existe nos céus, com que opera o Todo-Poderoso e como deve agir a Igreja. Espera-se que aprendamos os princípios corretos e que nos governemos a nós mesmos. Efetuamos nossas próprias escolhas e depois apresentamos o assunto ao Senhor, para sua aprovação.

“Aconselha-te com o Senhor em tudo quanto tiveres de fazer.”

São esses os três estudos de caso. Cheguemos agora à verdade revelada. Alma, poderoso profeta, tinha um filho chamado Helamã, homem santo e justo, que seguia o padrão que seu pai estabelecera. Assim, Alma falou ao filho: “Oh, lembra-te, meu filho, e aprende sabedoria em tua mocidade; sim, aprende em tua juventude a guardar os mandamentos de Deus! Sim, e roga

a Deus todo o seu apoio.” (Al. 37:35-36.) Vocês acham que, se aconselhados a orar ao Senhor, pedindo seu apoio temporal e espiritual, isto é tudo o que devem fazer? A oração do Senhor diz: “O pão nosso de cada dia nos dai hoje.” Nesse caso, vocês saem para o deserto ou sobem numa montanha para orar fervorosamente, dizendo: “O pão nosso de cada dia nos dai hoje”, ou vão, plantam as colheitas, criam os rebanhos e fazem tudo o que podem para alcançar o resultado final?

Continuando: “sim, que todos os teus feitos sejam no Senhor, e aonde quer que fores que o seja no Senhor; sim, que os teus pensamentos sejam dirigidos ao Senhor, sim, que o afeto do teu coração seja posto no Senhor para sempre.” (Al. 37:36.) Observem agora: “Aconselha-te com o Senhor em tudo quanto tiveres de fazer e ele te dirigirá para o bem.” (Al. 37:37.)

Qual foi o problema de Oliver Cowdery?” Não fizeste outra coisa senão pedir... deves ponderar em tua mente.” (D&C 9:7-8.)

Pois bem. Desejam encontrar uma esposa? Pretendem alcançar qualquer objetivo correto e adequado? Então trabalhem usando o livre arbítrio e habilidade que Deus lhes deu. Assim agindo, obterão todos os



critérios que podem centralizar num determinado problema, decidam e, para certificarem-se de que não errarão, aconselhem-se com o Senhor. Discutam o problema com ele, dizendo: “Esta é a minha opinião, que o Senhor acha?” E, se obtiverem a calma e doce certeza que somente provém do Espírito Santo, estejam certos de que chegaram à conclusão correta. Porém, se houver ansiedade e incerteza em seu coração, seria melhor começar tudo novamente, porque a mão do Senhor não se encontra nela, e não estão obtendo o seu selo de ratificação que, como membros da Igreja que têm o dom do Espírito Santo, podem receber.

‘... Sim, quando te deitares à noite, repousa no Senhor, que ele velará por ti em teu sono; e quando te levantares, pela manhã, tem o teu coração cheio de agradecimento a Deus; e se assim procederes, serás levantado no último dia.’ (Al. 37:37.) Se aprenderem a usar o livre arbítrio que Deus lhes deu, tomarem suas próprias decisões, chegarem a conclusões retas e se aconselharem com o Senhor, obtendo o seu selo de aprovação, então receberam revelação, além da grande recompensa da vida eterna, e de ser levantados no último dia. Não somos iguais, de

forma alguma. Alguns possuem talentos e capacidades diferentes dos outros. Porém, se usarmos os talentos que possuímos, de alguma forma nos sairemos bem.

Certa vez, eu me encontrava na casa de minha mãe, serrando um tronco que havia no quintal. Ela foi ver o meu serviço e não ficou muito satisfeita. Achava que eu devia fazer aquilo de modo diferente, por isso voltou para casa e chamou meu irmão mais novo para ajudar-me. Ela disse a ele: “Acho que é melhor você ir ao quintal ajudar um pouco o Bruce, para que ele faça o trabalho direito.” Então acrescentou: “Ele não tem muita experiência.” E ainda não tenho. Portanto, vou começar do que sei. Começarei, usando o talento que tenho, e aplicarei os princípios da verdade eterna em minha vida. Durante esse processo, procuro aconselhar-me com o Senhor, impelindo-me o evangelho para a frente, e assim as bênçãos se derramarão sobre mim, e eventualmente me proporcionarão glória, honra e dignidade na vida futura.

Temos o espírito de revelação.

Alma declarou o seguinte, depois que pregou um sermão: “E isto



“Nós temos o espírito de revelação.”

ainda não é tudo. Supondes, por acaso, que eu não conheça essas coisas por mim mesmo?” (Al. 5:45.) Isto significa que ele apresentara ao povo os estudos de caso, citara as revelações e lhes dissera com que se relacionava, prestando, então, seu testemunho pessoal. É isto o que devemos fazer na Igreja. Ensinemos pelo poder do Espírito, para que, ao falarmos de temas do evangelho, possamos testificar não apenas a respeito da veracidade e divindade do trabalho, mas que a doutrina e as verdades que proclamamos são corretas, pois são a voz e a vontade do Senhor. Não há nada neste mundo que possa comparar-se à verdade de que o trabalho em que nos empenhamos é real e que a influência do Senhor está entre nós. Temos o poder do Espírito Santo, o espírito de revelação, de testemunho e profecia. Essas coisas são verdadeiras, ou não seríamos o povo do Senhor.

O fato é que as possuímos; a revelação realmente funciona. Não

se envergonhem de obtê-la. Joseph Smith declarou: “Deus nada revela a Joseph que não revele aos Doze, e até mesmo o menor dos santos poderá receber todas as coisas, tão logo possa suportá-las.” (*Ensinamentos*, p. 145.) É nosso direito receber o espírito de revelação, mas o que estou tentando ensinar é que há um processo correto e certas condições que devemos cumprir. Temos a obrigação de resolver nossos problemas e de nos aconselharmos com o Senhor, para obtermos o selo ratificador do Santo Espírito, que é o espírito de revelação.

Deus nos conceda sabedoria, nos dê coragem e habilidade para tomarmos nossas próprias decisões e usarmos o nosso livre arbítrio; portanto, sejamos humildes e submissos ao Espírito, para submeter nossa vontade à sua, e colocar em nossa vida, aquele espírito de revelação. Se assim fizermos, o resultado será inquestionável; será paz nesta vida e glória, honra e dignidade na vida futura.

“Sim, eu te falarei à tua mente
e ao teu coração, pelo Espírito Santo, que virá
sobre ti e habitará em teu coração.”

DIÁRIO MÓRMON

O QUARTO BATISMO

Virginia A. Travalini

A té dois anos de idade, eu, minha mãe judia, meu pai italiano, que era católico, e minha irmã, vivíamos com meus avós paternos. Depois que minha irmã nasceu, minha avó insistiu em que nos batizássemos na igreja católica. Meus pais concordaram, para manter a paz. E assim, com treze meses, fui batizada pela primeira vez.

Em minha infância, vivíamos em Boston, perto do Fenway Park, e minha irmã Nancy e eu passávamos alternadamente as semanas com meus avós italianos e judeus que viviam nos arredores da cidade.

Com a mãe de meu pai, íamos à igreja católica, assistíamos à missa e guardávamos os dias do Natal e da Páscoa.

Na outra semana, ficávamos com *Bobeh* e *Tseydeh* (palavras em ídiche que significam avô e avô), os

pais de minha mãe, e observávamos o Sabbath ou sábado, íamos ao templo nos dias santificados e guardávamos a Páscoa e o Hanukah.

Ambos os casais de avós falavam muito pouco a língua inglesa, mas partilhavam conosco o melhor que podiam de suas crenças religiosas. Era um treinamento religioso interessante, mas não proveitoso, porque nenhum deles podia responder às perguntas que eu tinha sobre religião.

E assim foi até meus treze anos, ocasião em que meu pai, a conselho de um amigo, decidiu batizar-nos na Igreja Episcopal.

Passamos a freqüentar regularmente as reuniões e nos tornamos ativos entre os grupos de jovens. Eu ainda formulava muitas perguntas, e recebia respostas que não me satisfaziam. Continuava a passar os fins de semana alternadamente com meus avós.

Aos dezesseis anos, decidi pesquisar mais a religião de meus avós italianos. Passei a freqüentar de novo a igreja católica, e após um certo período de estudo, fui batizada pela terceira vez, freqüentando a igreja regularmente. Mais tarde casei-me nela, e, ao nascerem os filhos, tentei criá-los nessa religião.

Embora me esforçasse para tornar bem sucedido meu casamento, o divórcio tornou-se iminente. Dirigi-me aos líderes da igreja em busca de orientação espiritual, e o resultado foi insatisfatório para mim.

Nessa época, vivíamos em Georgetown, Massachusetts, uma cidade situada a 48 quilômetros de Boston. Certo dia, a família De Vilbiss, da cidade de Brigham, Utah, mudou-se para a casa vizinha. Ajudei-os na mudança e recepcionei-os com um almoço. Quando disseram não poder tomar os drinques que eu preparara, perguntei-lhes a razão. “Porque somos mórmons”, responderam. “Ótimo”, disse eu, “que é um mórmon?”

Até aquela época, eu não ouvira falar de *mórmons*, *Joseph Smith* ou de *Santos dos Últimos Dias*. Sabia a respeito da Cidade do Lago Salgado, que era a sede de uma organização religiosa, mas não conhecia nenhum de seus membros, nem sabia que espécie de Igreja era, pois até aquela época, não me interessara.

Leonna e Lee DeVilbiss eram boas pessoas. Eles viviam a sua religião; sua casa era cheia de amor e paz. Aceitaram-me e me compreenderam, e voluntariamente responderam às perguntas que formulei. Se não sabiam a resposta, procuravam-na nos livros, revistas etc. Isso continuou durante cinco anos.

Enquanto meu processo de divórcio estava em andamento, eles foram muito mais compreensivos que meus familiares. Acreditavam em mim e compreendiam meus sentimentos, o que não ocorria com

minha família e amigos. Os DeVilbiss auxiliaram-me extraordinariamente. Sempre era bem-vinda em seu lar, e o amor que nele existia era um dos fatos mais evidentes. Durante uma de minhas visitas, mencionei isso a Leonna, dizendo: “É isto o que eu quero!”

Ela respondeu: “O único meio de tê-lo em seu lar é através de minha Igreja.” Senti que ela estava com a razão. Mas a conversa terminara ali. Os DeVilbiss respondiam de boa vontade às minhas questões religiosas, mas nunca me forçaram a seguir os seus princípios.

Certa noite, após uma agradável reunião com eles, fui para casa, coloquei as crianças na cama e fui dormir. Sonhei que descobri a felicidade através da Igreja a que meus vizinhos pertenciam. Acordei e meditei sobre o sonho. Tornei a dormir e passei pela mesma experiência. Desta vez, entretanto, a impressão foi mais forte. Acordei novamente às sete horas da manhã, e com lágrimas nos olhos, telefonei para Leonna. Ela pediu ao marido que viesse buscar-me, e nós três fomos a uma conferência na estaca de New Hampshire.

Fiz-lhes mil perguntas e obtive todas as respostas, as mais emocionantes que podia ter. Porém, quando pedi ao Lee que me ensinasse, ele disse que era melhor eu me dirigir aos missionários em Cambridge. Logo depois, fomos assistir à reunião sacramental em Cambridge e depois batemos à porta do escritório da missão. Havia três élderes lá, chamados Young, Wilson e Blodgett, todos da Cidade do Lago Salgado. Quando entrei e disse “Quero

saber mais...”, eles quase se bateram uns com os outros para me atender. Três semanas depois, fui batizada pela quarta e última vez, porém agora da maneira certa, pela autoridade do Sacerdócio.

Tenho um profundo testemunho e encontrei as respostas às perguntas que sempre tive em minha mente durante muitos anos. Meu Pai Celestial me ama. Sei que sou importante para ele. Ainda em Massachusetts, partilhei o evangelho com um ótimo rapaz, que logo depois se filiou à Igreja. Agora estamos casados no templo para o tempo e a eternidade.

Cinco Novos Templos Estão a Caminho

O recém-anunciado Templo do Rio Jordão, a ser construído no sul do município de Salt Lake, é o sexto templo anunciado pelo Presidente Spencer W. Kimball.

Os outros, agora em fase de projeto ou em construção, são em São Paulo, Brasil; Tóquio, Japão; Seattle, Washington; Cidade do México, México; e na Samoa Americana.

Além disso, o Presidente Kimball dedicou o Templo de Washington, D.C. e em Idaho Falls, no estado de Idaho.

Fora dos Estados Unidos, há um templo perto de Hamilton, Nova Zelândia; outro em Lingfield, Surrey, perto de Londres, Inglaterra; outro em Cardston, Alberta, no Canadá e um outro em Zollikofen, na Suíça.

O templo de Laie, no Havaí e o de Logan em Utah, estão passando por grande reforma e ampliação, devendo ser rededicados ainda este ano.

O templo de São Paulo, no Brasil, será dedicado no dia 30 de outubro de 1978.

Espera-se que a construção dos templos de Tóquio e de Seattle comece ainda no primeiro semestre deste ano, enquanto progredirem os trabalhos de desenho dos templos do México e da Samoa Americana.

O DISCURSO CUJO MÉRITO NÃO FOI MEU

Carma N. Cutler

Certa vez, durante uma aula da Escola Dominical, debatemos sobre o suposto fracasso de Moisés em não reconhecer a mão do Senhor, quando proveu água aos filhos de Israel. Nosso professor, um ex-presidente de estaca, tentou explicar-nos que algumas vezes colocamos nossos líderes numa posição difícil, ao lhes atribuírmos um indevido louvor pelo seu desempenho. Muitos membros da classe ficaram intrigados: Em que sentido isso poderia constituir-se num problema? Mas eu sabia o motivo, por isso partilhei com eles a minha humilde experiência.

Haviam-me convidado para proferir um discurso numa noite de padrões das lauréis da estaca. Ao meditar sobre a tarefa que me fora designada, senti chegar a inspiração diversas vezes, e ao cair da noite, comecei a concatená-las. Quando pensei que o discurso estava pronto, subitamente me lembrei de uma torrente de informações de discursos e artigos que haviam sido publicados sobre o assunto. Falando intimamente ao Senhor, disse: “Cai Celestial, creio que me está dando material demais. Tenho apenas trinta minutos para proferir o discurso.”

Então senti claramente a instrução: “Escreva tudo, depois leia em voz alta e, cronometre seu tempo.”

“É uma boa idéia”, pensei eu. Assim fiz, e, para minha grande surpresa, o discurso durou trinta minutos. Fiquei tão emocionada, que senti vontade de pular de alegria. Eu estava preparada!

Porém, no dia anterior à noite de padrões das lauréis, senti que devia preparar-me espiritualmente, e naquela noite comecei a jejuar. Na tarde seguinte, fui para meu quarto e comecei a reler o discurso. Para minha surpresa, não consegui coordená-lo mentalmente, “que fazer?”, perguntei em pânico ao Senhor. “Tenho medo de ficar lendo o discurso a maior parte do tempo, e se o fizer, a atenção de todos se concentrará em mim, e não na mensagem que desejas que profira.”

Então, com grande força, veio-me uma idéia à mente: “Deixe-o em casa.”

Tentei resistir àquela idéia. “Não posso fazer isso, conheces a péssima memória que tenho.”

E foi reiterada a instrução: “Deixe-o em casa.”

Atemorizada, roguei novamente: “Lembra-te de quando eu era presidente da Primária e levantei-me para dar um discurso e não proferi uma só palavra? Foi a pior experiência de minha vida. Não deixe que aquilo aconteça novamente.”

E outra vez senti a inspiração do Espírito Santo, instruindo-me a “deixar o discurso em casa”; portanto, disse, relutantemente: “Se eu fizer isso, terei que confiar inteiramente em tua ajuda.” E tornei a sentir em

meu coração a calma certeza do Espírito de que eu devia deixar o discurso em casa.

Naquela noite, ao dirigir-me para a reunião, levei comigo apenas um lenço. Quando olhei para a janela de meu quarto, senti que ia desmaior. Ao chegar na capela, enquanto esperava começar a reunião, tentei coordenar o discurso. Simplesmente não conseguia lembrá-lo! Comecei a entrar em pânico e a orar, e imediatamente, senti a confortadora certeza de que o Senhor estava lá.

Ao chegar a hora, caminhei confiante para o púlpito, e proferi o discurso de trinta minutos. Eu mal podia acreditar. Era uma maravilhosa experiência espiritual.

Ao terminar a reunião, diversas pessoas se aproximaram de mim e cumprimentaram-me. Precisei arranjar forças para agradecer, e depois de gaguejar em sinal de reconhecimento, olhei em redor, procurando uma porta de saída. Queria ir para casa. Não desejava ter mérito algum pelo que havia acontecido.

Ao lembrar essa experiência, vem-me à mente a idéia de que a frase mais agradável que uma pessoa pode dizer para alguém, cujas palavras a impressionaram, seria: “Obrigada por essa mensagem inspirada”, ou “Senti o Espírito do Senhor em seu discurso desta noite”, do contrário, fazemos com que a pessoa caia em tentação.

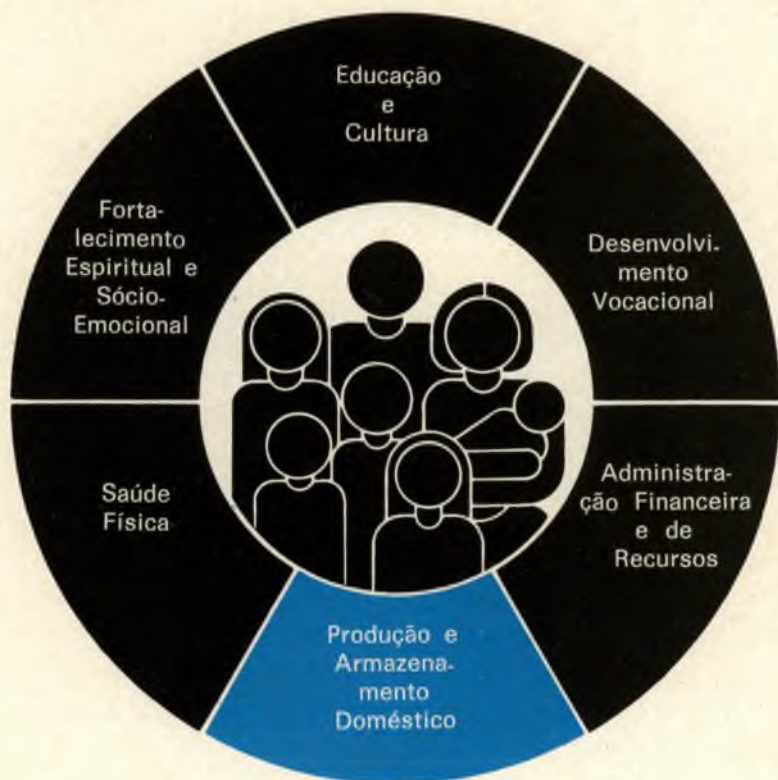
Carma N. Cutler é dona de casa, mãe de seis filhos, e serve como segunda conselheira do segundo ano das Abelhinhas, na Ala Vigésima Terceira de Boise, Estaca de Boise — Idaho Oeste.

As Perguntas Mais Frequentes Sobre Produção e Armazenamento Doméstico

Em que sentido a produção e armazenamento doméstico se aplicam ao programa de preparação pessoal e familiar da Igreja?

Como em todos os programas principais da Igreja, a preparação está centralizada no indivíduo e na família. Seu objetivo principal é prover um meio de vida, e não apenas uma reação às emergências. A produção doméstica é um dos seis elementos importantes do programa de preparação pessoal e familiar. (Ver o diagrama.)

1. Educação e Cultura. A pessoa que está preparada, sabe ler, escrever e efetuar as operações básicas de matemática; estuda regularmente as escrituras e ou-



tros bons livros e utiliza os recursos locais para ensinar essas habilidades e hábitos a todos os seus familiares. Os pais e filhos devem tirar proveito das oportunidades de educação oferecidas pelo governo e outras entidades.

2. Desenvolvimento Vocacional. Cada cabeça de família deve selecionar uma vocação ou profissão apropriada e procurar obter o treinamento necessário. Todo jovem deve ser aconselhado, para ajudá-lo a selecionar uma carreira que satisfará as necessidades econômicas e familiares e lhe proporcionará satisfação pessoal.

3. Administração Financeira e de Recursos. A pessoa que está preparada, deve estabelecer metas financeiras, pagar os dívidos e ofertas, evitar dívidas, usar sabiamente e preservar os recursos econômicos, poupando durante a época de pro-

dução para os tempos de escassez.

4. Produção e Armazenamento Doméstico. Cada pessoa ou família deve produzir o máximo possível através de hortas e, quando for mais apropriado, costurando e produzindo artigos domésticos. Cada um deve aprender as técnicas de enlatamento, congelamento e desidratação de alimentos no lar, e, onde for legalmente permitido, deve economizar e armazenar um suprimento de gêneros e artigos de vestuário, se possível também de combustível, suficiente para um ano.

5. Saúde Física. Todo membro deve obedecer à Palavra de Sabedoria e observar os princípios sadios da nutrição, aptidão física, controle de peso, imunização, aprimoramento da higiene ambiental, da saúde da mãe e dos filhos, prevenção de acidentes, tratamento dentário e médico. Além disso, cada membro deve procurar



adquirir habilidade apropriada relativa à saúde, primeiros socorros, enfermagem e seleção e preparo de alimentos.

6. Fortalecimento Sócio-Emotivo-Espiritual. Cada pessoa deve construir o fortalecimento espiritual para enfrentar os desafios e tensões da vida com confiança e estabilidade, aprendendo a amar a Deus e a comunicar-se com ele através da oração pessoal, aprendendo também a amar e servir o seu próximo e a amar e respeitar a si próprio, através de uma vida cheia de dignidade e autodomínio. Cada família deve compreender que o fortalecimento sócio-emotivo-espiritual é uma bênção resultante do desenvolvimento espiritual, obtido através da observância dos princípios revelados de vivência familiar.

Se os pais prepararem ativamente os seus em todas essas seis áreas, delas resultará grande fortalecimento e equilíbrio adequado, tanto para a Igreja como para a família. Assim, não somente estarão preparados para enfrentar as emergências, mas através desse processo também poderão desenvolver melhor as suas habilidades para obter recursos, a exercer sabiamente as suas mordomias, a prevenir os problemas e tirar o maior proveito de sua vida cotidiana.

A preparação pessoal e familiar é a chave para a autoconfiança e integridade da família, dentro do programa total de bem-estar da Igreja.

Até que ponto a Igreja estará em condição de ajudar seus membros, em caso de calamidades públicas ou colapso econômico? Os armazéns dos bispos estarão em condição de cuidar de todos?

Os armazéns dos bispos foram criados, desde o início, para cuidar somente dos "pobres e necessitados" que existem entre nós, em tempos e níveis normais de necessidade. Portanto, o sistema de armazéns contém apenas o suprimento de um ano de gêneros alimentícios para atender a média atual de necessidade dos mem-



bro. Não é possível manter um suprimento suficiente para cobrir as necessidades de todas as famílias da Igreja.

Em casos de emergências **locais** — como o desastre do rompimento da Represa de Idaho Teton, por exemplo, o Departamento de Produção e Distribuição da Igreja é capaz apenas de usar os recursos da Igreja, inclusive dos armazéns dos bispos, para auxiliar os necessitados. Porém, se ocorresse um desastre de proporção maior, os suprimentos armazenados seriam rapidamente exauridos.

Este é um dos motivos pelos quais é tão importante que as famílias tenham suprimentos necessários para um ano. Durante as épocas de fartura, nossos projetos de bem-estar podem suprir as necessidades de gêneros comuns e pagar os seus próprios custos operacionais, porém, se ocorrerem tempos mais difíceis, os membros da Igreja seriam obrigados a viver de seus próprios recursos armazenados, enquanto eles e os líderes da Igreja trabalham para produzir colheitas adequadas e outros recursos.

Quais são exatamente nossas possibilidades na área de produção e armazenamento doméstico?

A responsabilidade pelo bem-estar dos membros é principalmente do indivíduo, depois da família e por último da Igreja. Para cumprir esse princípio, nossas famílias devem procurar ser auto-suficientes na produção e armazenamento doméstico, da seguinte maneira:

1. Produzindo alimentos em nossa própria propriedade, e também gêneros necessários não comestíveis, sempre que for praticável.

2. Aprendendo os melhores métodos de preservação do que produzirmos.

3. Armazenando adequadamente tudo o que tivermos, usando os métodos mais apropriados às nossas áreas. A Igreja recomenda que armazenemos pelo menos uma quantidade de gêneros alimentícios, roupas e quando possível, também de combustível, suficientes para um ano. É importante também que armazenemos um suprimento de água. Os alimentos que estocarmos devem ser apropriados aos nossos regimes alimentares, começando com os gêneros básicos e acrescentando a eles o que estiver ao alcance dos recursos de cada um. (Ver Ensign, maio de 1976, pp. 116-18; novembro de 1976, pp. 121-22.)

4. Utilizando o que temos de maneira apropriada, praticando a frugalidade e evitando o desperdício.

Um suprimento para um ano custa muito dinheiro, e não tenho tal quantidade no momento. Considerando que é importante que minha família tenha gêneros alimentícios suficientes para um ano, devo tomar dinheiro emprestado para ter esses recursos de imediato?

Não. A Igreja ensina que não devemos endividar-nos, nem mesmo para um propósito dessa natureza.

Quando o Programa de Bem-estar da Igreja foi estabelecido, o Presidente J. Reuben Clark, Jr. aconselhou: "Evitemos incorrer em dívidas, do mesmo modo que devemos evitar uma peste; se estivermos endividados atualmente, livremo-nos delas; se não pudermos fazer isso hoje, façamo-lo amanhã. Vivamos estritamente dentro de nossos rendimentos e procuremos economizar um pouco." (*Conference Report*, abril de 1937, p. 26.)

Embora o armazenamento seja extremamente importante, não o é a ponto de violarmos um princípio para podermos viver um outro.

As famílias podem viver ambos os princípios, planejando e reunindo os seus suprimentos básicos de maneira ordeira e sistemática, de acordo com o que os recursos permitirem. Existem muitos meios de iniciar o armazenamento doméstico, sem incorrer em dívidas.

Como disse o Presidente Kimball: "A preparação, quando adequadamente seguida, é um meio de vida, não um programa espetacular e súbito. (Discurso proferido em outubro de 1976, na Conferência de Representantes Regionais.)

Por que necessitamos de suprimentos para um ano? A Igreja não tem projetos de produção para cuidar de seus membros?

O propósito principal dos projetos de produção da Igreja é prover gêneros alimentícios e outros para os armazéns dos bispos, para que, quando houver necessidade, um bispo ou presidente de ramo possa usá-los para cuidar dos pobres e necessitados.



Os projetos de produção também proporcionam oportunidades de os pais trabalharem lado a lado com seus filhos e outros membros da Igreja de todas as profissões. Oferecem grandes oportunidades para consagrarem de seu tempo e talentos para desenvolver a fraternidade. Também servem como recurso no sentido de usar as terras aproveitáveis e para ajudar os membros a adquirirem habilidades necessárias para manter sua independência em tempos de necessidade.

Um grande número deles é de natureza agrícola, como as fazendas, pomares, produção de leite e queijo, criação de animais domésticos, apicultura, criação de galinhas e outros semelhantes. Existem também projetos de produção de gêneros não alimentícios e outras atividades de processamento.

Os membros da Igreja têm a oportunidade de cumprir as designações do projeto que lhes são dadas pelas alas e ramos. Desse modo, poderá ser assegurado um constante suprimento de mercadorias. Também têm a oportunidade de consagrar de seus recursos através de ofertas generosas de jejum e outros donativos referentes ao bem-estar, para que sejam atendidos os pobres e necessitados das alas e ramos.

O que os membros da Igreja podem fazer em países onde é ilegal armazenar alimentos?

Há poucos países que continuam a ter regulamentos que proíbem os cidadãos de armazenar alimentos. Muitos deles, por exemplo, são consequência de condições que não mais existem dos anos em que havia guerras, quando os alimentos eram escassos, e o armazenamento um problema sério. Em tais casos, os membros da Igreja podem fazer o que for legal, prudente e apropriado no sentido de que sejam revogadas essas leis. Não sendo possível, existem outras alternativas.

Por exemplo, a produção doméstica pode ser estimulada onde não for possível armazenar. As famílias podem tor-

nar-se experientes em produzir gêneros não comestíveis apropriados e aprender princípios da industriiosidade e da moderação. Podem também fazer hortas. Uma boa quantidade de alimentos pode ser conservada diretamente no solo.

Uma outra opção é o "armazenamento ao vivo." Se é ilegal armazenar alimentos em prateleiras, é perfeitamente lícito armazená-los "sobre os cascos", na forma de bois, galinhas, cabritos, ovelhas, porcos etc., ou numa horta constantemente usada e, assim, manter um suprimento considerável de alguns alimentos básicos.

Nos casos em que é ilegal armazenar alimentos em grandes quantidades, é lícito ter um suprimento suficiente para algumas semanas.

Os estudantes, as pessoas que se mudam constantemente ou que vivem em apartamentos muito pequenos, devem tentar armazenar alimentos e outros gêneros?

Os estudantes, que dispõem de espaço limitado e se mudam constantemente, e que ainda não estabeleceram uma família, devem examinar com cuidado suas necessidades prioritárias, tendo em mente o princípio de que os indivíduos e famílias têm a responsabilidade principal de cuidar de seu próprio bem-estar em todas as circunstâncias. Ao perguntarem a Bárbara B. Smith, presidente geral da Sociedade de Socorro, o que as irmãs pertencentes à classe de jovens adultos devem fazer no sentido de começar o programa de armazenamento doméstico, ela respondeu:

"Nós realmente não as incentivamos a iniciar um programa extensivo de armazenamento doméstico, enquanto fora de casa, estudando, mas achamos que devem aprender a ser previdentes, a planejar, fazer um orçamento e economizar para o futuro. Elas podem aprender a ter mais do que apenas duas semanas de suprimentos em mãos, e a adquirir hábitos sádios de compras." (*Ensign*, março de 1977, p. 37.)

Entretanto, se você é casado e está estudando, ou já terminou seus estudos e está-se estabelecendo, e se os pequenos apartamentos e as constantes mudanças são um padrão constante em sua vida, trabalhe para vencer as limitações dessa situação. "Freqüentemente, quando existe limitação de espaço, os gêneros alimentícios básicos, como o trigo, leite em pó, açúcar, mel ou sal podem ser armazenados nos espaços aproveitáveis nos banheiros, sótãos, debaixo das camas e até mesmo nos espaços que forem colocados à disposição por amigos e familiares." Neste caso é melhor ter um suprimento para alguns meses do que não ter nenhum. (Elementos Essenciais do Armazenamento Doméstico.)

Alguns métodos suplementares de armazenamento que as pessoas que se encontram nessa situação podem fazer são os seguintes:

1. Armazenar alimentos em lugares que têm dupla finalidade, como embaixo da cama, da mesa etc.

2. Reunir-se com outras famílias que se encontram em idênticas circunstâncias e fazer com que, juntas, contribuam para um suprimento comunitário "perpétuo" de alguma espécie, que continuará a existir



mesmo depois que você o abandone. (Esta não é uma forma ideal, mas uma alternativa. Numa época de crise real, devemos estar dispostos a partilhar do que temos com os outros.)

3. Se possível, partilhe com seus próprios pais, ou "adote" outra família permanente e contribua para o programa de armazenamento dela, com a condição de que ela permita que compartilhe dele numa ocasião de emergência.

Quais são alguns dos substitutos para aqueles que vivem em climas tropicais e subtropicais?

Os climas tropicais e subtropicais oferecem oportunidades que não se encontram nas zonas temperadas. Nos trópicos, é possível fazer hortas durante o ano todo, plantando uma variedade de frutas e legumes. Os gêneros em grão podem ser substituídos pelo inhame, mandioca ou batatas-doces, podendo ser armazenados no próprio solo. O leite em pó pode ser substituídos por peixes, galinhas ou porcos.

Como as elevadas temperaturas dos climas tropicais diminuem a vida útil dos alimentos armazenados em prateleiras, esses gêneros alimentícios devem passar por um período de rotatividade de diversos meses, ao invés de um ano, como recomendado para os climas temperados. Todos os alimentos devem ser estocados no local mais fresco possível. Os alimentos secos são altamente suscetíveis à umidade e devem ser conservados secos.



Fome Espiritual

William G. Dyer

Depois que terminou a II Guerra Mundial, eu freqüentava uma ala de estudantes em nossa cidade. Lembro-me certa vez em que fui à Escola Dominical onde o professor era um jovem que, como eu, era recém-saído das fileiras do exército. Certo dia, ele relatou uma experiência da época em que estava servindo. Quando se encontrava a caminho de uma reunião de soldados SUD, encontrou um amigo, também membro da Igreja, com o qual havia sido criado. Convidou-o para assistir à reunião com ele, e seu amigo respondeu: “Não. Deixei de assistir a esse tipo de reuniões.”

“Por que fez isso?”

Ele disse: “Bem, acontece que freqüentei a Igreja durante tantos anos, e não consigo lembrar-me de um só discurso, nem de uma única lição da Escola Dominical que já tenha ouvido. Você foi à Escola Dominical e à reunião sacramental na semana passada, não foi?” Meu professor respondeu: “Sim.” O amigo dele continuou, “Você consegue lembrar qual foi o tema de algum dos discursos? Você se lembra do que eles disseram naquela reunião?”

O professor respondeu: “Confesso que não consigo lembrar-me.”

O outro jovem então concluiu: “Ora, então por que vai assistir a essas reuniões, se não consegue lembrar o que ensinaram?”

Enquanto ele estava dizendo isto, eu estava ouvindo com grande interesse, porque tentava lembrar-me de qual fora o tema do sermão proferido na reunião sacramental do domingo anterior, e não conseguia. Estava ansioso para saber qual seria a resposta do professor. Ele disse o seguinte ao jovem: “Você come três vezes ao dia, não é mesmo?”

“Sim.”

“Você tem-se alimentado durante toda a sua vida. Você consegue lembrar o que comeu nas refeições da semana passada?”

“Não.”

“Pode lembrar o que comeu no domingo passado?”

“Não, não posso.”

“Então por que você come, se não consegue lembrar-se de tudo o que comeu nas últimas refeições?”

O rapaz respondeu, “ora, é óbvio. Se eu não comer, morrerei de fome.” O professor da Escola Dominical então disse: “Pois o mesmo acontece comigo. É por essa razão que assisto às reuniões. Nosso eu espiritual, a nossa alma, requer uma certa dose de alimento espiritual, e se não o ingerirmos, o nosso espírito morre. Essa é uma condição que não quero experimentar.”

